

APARIÇÕES DE DEFUNTOS NO



LEITO DE MORTE



Ernesto Bozzano

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Ernesto Bozzano

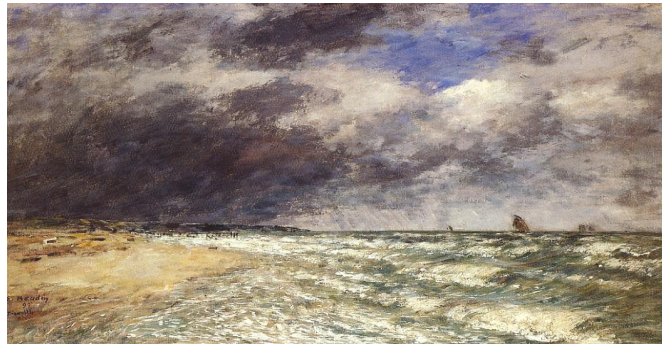
Aparições de defuntos no leito de morte

Título Original em Italiano

Ernesto Bozzano - Delle apparizioni di defunti al letto di morte

Tipografia "Dante", Città della Pieve

(1906)



Eugène Bodin - Uma Rajada de Vento



Conteúdo resumido

Nesta obra Bozzano relata com zelo científico os casos de aparições no leito de morte, ação ou percepção telepática, lucidez e telestesia, precognição e retrocognição, visões extáticas, simbólicas e panorâmicas, invalidando as apressadas negativas dos adversários do Espiritismo.

Sumário

Prefácio.....	2
Primeira parte – Aparições de defuntos no leito de morte.....	6
» Primeira categoria – Casos nos quais as aparições dos mortos são percebidas unicamente pelo moribundo e se referem a pessoas cujo falecimento era por ele conhecido.....	9
» Segunda categoria – Casos nos quais as aparições de defuntos são ainda percebidas unicamente pelo doente, mas se referem a pessoas cuja morte era por ele ignorada.	49
» Terceira categoria – Casos nos quais outras pessoas, coletivamente com o moribundo, percebem o mesmo fantasma de defunto.....	59
» Quarta categoria – Casos de aparições no leito de morte, coincidindo com prenúncios ou confirmações análogas, obtidas mediunicamente.....	76
» Quinta categoria – Casos nos quais os familiares do moribundo são os únicos a perceberem os fantasmas de defuntos.....	92
» Sexta categoria – Exemplos de aparições de defunto produzidas pouco depois de um caso de morte e percebidas na mesma casa em que jaz o cadáver.	110
» Conclusões	114

Prefácio

Façamos uma ligeira exposição sobre o autor e seus trabalhos:

Ernesto Bozzano é um escritor italiano que tem dedicado ultimamente a sua atividade ao estudo dos problemas psíquicos. E essa sua atividade tem sido prodigiosa.

Não podemos declarar ao certo o número de seus trabalhos já publicados sobre o assunto, porque, necessariamente, ao ser impresso este volume já aquele número deveria estar acrescido.

Bozzano é infatigável e inimitável em sua produtividade.

As suas trinta monografias, escritas em italiano, acham-se completamente esgotadas.

Grande foi, portanto, a nossa dificuldade no traduzir esta obra, em virtude do obstáculo intransponível de encontrar o original.

A esse respeito escrevia o notável psiquista italiano a esta Federação, nos seguintes termos:

“É próprio vero che le mie opere sono addirittura irreperibili in lingua italliana. I miei cinque volumi sono tutti esauriti e le mie trenta monografie sono, a loro volta, quasi tutte esaurite. Occorrerebbe pensare a uma nuova edizione generale dei libri e delle monografie; ma la mia produzione è oramai così vasta che l’impresa diventa finanziariamente molto onerosa in Italia.

In merito alle traduzioni francesi delle mie opere La informo che il mio volume sui Fenomeni d’Infestazione venne pubblicato dalla Casa editrice Felix Alcan di Parigi, ed è ancora in vendita.

L’altro mio volume sui Casi d’Identificazione Spiritica venne pubblicato per cura di Cesare Vesme nel 1914, e ritengo sia ancora vendibile presso l’Institut Métapsychique International. In pari tempo La informo che il direttore della Revue Spirite ha intrapreso la pubblicazione di quasi tutte le mie monografie in edizioni di piccoli volumi, dei quali ne furono già pubblicati tre, che s’intitolano: Phénomènes Psychiques au moment de la Mort, Les Manifestations Psychiques et les Animaux, e À Propos de l’Introduction à la Métapsychique Humaine.”

Veio a propósito essa transcrição, visto como nos é exposta, por seu próprio autor, a situação atual dos seus livros.

Vemos, assim, que se achavam já completamente esgotados os seus cinco volumes; as suas trinta monografias, em língua italiana, também já dificilmente se encontravam. Pensou-se em uma nova edição geral das monografias e dos livros; sendo, porém, presentemente, muito vasta a sua produção, a impressão, em Itália, tornava-se, financeiramente, muito onerosa.

Algumas dessas produções encontram-se em língua francesa, sendo os *Fenômenos de Assombração* editados pela Casa Felix Alcan, de Paris; os *Casos de Identificação Espírita* foram publicados, em 1914, graças aos cuidados de César Vesme. O diretor da *Revue Spirite* empreendeu a publicação de quase todas as monografias em pequeno volume, sendo já publicadas três: *Fenômenos Psíquicos no Momento da Morte*, *As Manifestações Metapsíquicas e os Animais* e *A Propósito da Introdução à Metapsíquica Humana*.

É o que nos informa o autor da presente obra.

*

Já em vários outros idiomas começaram a ser também traduzidos os livros do escritor italiano, cujo nome é verdadeiramente conhecido em todo o mundo, dentro e fora dos círculos espiritualistas.

O seu valor não consiste unicamente na sua extraordinária fecundidade literária, senão também no interesse, na utilidade e na beleza de seus escritos.

É um vigoroso polemista e dir-se-ia que sua missão consiste em demonstrar a inanidade de todas as hipóteses formuladas em oposição à espírita.

Dotado de profunda erudição, possuidor de invejável espírito de lógica, é um adversário respeitável com que têm topado os arquitetos da teoria do subconsciente e suas filiais.

Bozzano é bem o descendente dessa raça de artistas que se têm imposto ao mundo pela magia de suas obras-primas.

A sua pena nunca se maculou na agressão. Por vezes, nas obras em que revida à crítica materialista, nota-se-lhe o calor daqueles que nasceram sob o céu do sul da Europa e têm nalma os arroubos do talento. Mas a serenidade do hermeneuta não se turba e a sua argumentação segue, imperturbável, até deixar completamente arrasada, aniquilada a construção adversa.

O ardoroso escritor compreendeu que contra fatos não há argumentos. E toda a sua obra é uma completa exposição de fatos, é a argumentação em torno dos fatos.

No presente livro se encontram os fatos ocorridos por ocasião da morte. Há por vezes histórias curtas, historietas singelas, mas que nem por isso nos deixam de comover.

Não era outra, aliás, a intenção do autor, senão a de mostrar à Humanidade que, já com os pés no limiar do outro mundo, podem estes que nos fazem as últimas despedidas dizer-nos o que percebem nesses novos umbrais em que estão prestes a penetrar e que julgávamos insondáveis até agora. É o testemunho dos moribundos. Testemunho insuspeito pela solenidade do momento e indubitável pela lógica dos fatos.

*

Onde mais cresce a nossos olhos o vulto do escritor irmão é no desprendimento que revela, no desinteresse que demonstra em relação aos proventos materiais que lhe podia trazer a sua vasta produção.

Como lhe perguntássemos ou como lhe perguntasse Antônio Fonseca, administrador da Livraria da Federação, quais as condições em que permitiria a tradução dos seus livros, por aquela instituição, declarou Ernesto Bozzano, em carta de 5 de novembro de 1926:

“Mi affretto a risponderle che io nulla chiedo e nulla voglio.”

“Apresso-me a responder-lhe que não peço nada e que não quero nada” – tal foi o gesto generoso do autor do presente trabalho.

Cristãos como somos, e julgando fracos os nossos agradecimentos, esperamos que o autor receba um dia os frutos desse esforço gigantesco que desprende em prol da Verdade, dentro dessa Seara onde militamos também deste outro lado do Atlântico, sem outro interesse que o de servir à Humanidade e a Deus.

Rio, novembro de 1927.

Carlos Imbassahy

Primeira parte

Aparições de defuntos no leito de morte

Em todos os tempos e entre todos os povos tem-se notado que, durante a crise suprema da morte, a inteligência humana dava, muitas vezes, sinais de perspicácia e previdência extraordinárias, ou que estava sujeita a percepções de natureza supra-normal, partilhadas, bastas vezes, por outras pessoas presentes ou afastadas.

Os representantes da ciência oficial e aqueles que se ocupam das novas pesquisas metapsíquicas se têm esforçado no exame, pelo método experimental, dessas manifestações tão interessantes do período pré-agônico.

Pelo fato de terem eles conseguido fazer entrar facilmente parte dessas manifestações no círculo das leis conhecidas da psicofisiologia, não se pode, certamente, afirmar que o mesmo aconteça com todas.

Os fenômenos em questão parecem, com efeito, infinitamente mais complexos do que se poderia supor e sua imensa esfera de ação estende-se desde os simples casos de hipermnesia e de paramnesia até os de ação ou percepção telepática; dos casos de lucidez e de telestesia até os de precognição e retrocognição. A tudo isso se vêm ainda superpor episódios sensacionais de visões extáticas, de visões “panorâmicas”, de visões simbólicas e, enfim, os bem impressionantes da percepção de fantasmas dos mortos.

Estes últimos são de muito maior freqüência e a tal ponto que a experiência popular extraiu daí uma de suas numerosas generalizações proverbiais.

Toda mulher do povo vos dirá, de fato, que quando um doente “fala com seus mortos”, não há mais nenhuma esperança de cura.

Noventa e nove vezes sobre cem assim acontece realmente.

Como não é possível desenvolver, em simples monografia, um tema tão vasto, proponho-me tratar exclusivamente dos fenômenos das *aparições de defuntos no leito de morte*.

Esses fenômenos são os que mais especialmente têm chamado a atenção de alguns sábios eminentes, os quais acabaram por concluir que tais fatos deviam ser classificados entre os pertencentes à variada categoria das alucinações subjetivas.

Essa indução era, em suma, razoável; sabe-se que as condições pré-agônicas predispoem a todas as formas de sensações e percepções alucinatórias e não se pode afirmar que as visões de que se trata sejam, em princípio, diferentes das outras.

Não é menos verdade, entretanto, que a análise desses fenômenos revela, aqui e ali, zonas obscuras, constituídas por circunstâncias ou situações bastante embaraçosas e sugestivas, de forma a reconhecer-se que o argumento merece um exame ulterior e não é possível formar-se sobre o assunto uma idéia nítida, senão estendendo as investigações a um número suficiente de casos. Eis por que me decidi a empreender a presente classificação.

Nas curtas observações que for fazendo, à medida que citar os episódios, cada vez mais complexos, restringir-me-ei às regras sãs experimentais, nas quais se inspiraram os distintos sábios na matéria, limitando-me a indicar sempre os pontos obscuros que a ciência oficial ainda não esclareceu e a fazer notar, enfim, que, se queremos explicar todos esses fatos em seu conjunto, é indispensável não somente completar a hipótese alucinatória pela telepática, como ainda mesmo orientar-nos para a hipótese espírita.

Com efeito, o mistério que rodeia o conjunto dos fenômenos metapsíquicos é de tal maneira impenetrável pelos métodos ortodoxos da ciência oficial, que não é possível admitir-se sejam pronunciados, em nome da Ciência, juízos sem apelação contra uma hipótese qualquer, capaz de explicar os mesmos fenômenos.

Faço, no entanto, questão de salientar que, publicando a presente classificação, não me proponho, de forma alguma, provar ou ilustrar uma tese qualquer; o que unicamente desejo é lembrar

incidentes que, tomados insuladamente, apresentam apenas valor científico limitado, mas que possuem um valor especial se os encaramos em união com os outros grupos de fenômenos metapsíquicos, os quais convergem, todos, para a demonstração científica da sobrevivência.

Isso dito, passemos, sem mais, à exposição dos casos.

Primeira categoria

Casos nos quais as aparições dos mortos são percebidas unicamente pelo moribundo e se referem a pessoas cujo falecimento era por ele conhecido.

São estes os modos de manifestação mais freqüentes na casuística em questão; concebe-se que sejam também os menos interessantes, sob o ponto de vista científico.

Dado o estado muito vivo de excitação no qual se encontra, provavelmente, um moribundo que conserva a consciência de si próprio; dado, por conseqüência, o estado de hiperestesia dos centros corticais de ideação e as condições mais ou menos mórbidas de seu funcionamento; dada, enfim, a orientação inevitável do pensamento de um moribundo, que não pode deixar de voltar-se, com angústia suprema, para as pessoas caras e afastadas e para aqueles que o precederam no túmulo, facilmente se conceberá que tudo isso deva determinar, muito freqüentemente, fenômenos de alucinação subjetiva.

Não obstante, porém, impõem-nos os métodos de pesquisas científicas notar que, nos casos de aparição de mortos nos leitos de agonizantes, encontramos uma circunstância que não pode ser facilmente esclarecida pela hipótese alucinatória: é que, se o pensamento, ardentemente voltado para as pessoas caras, fosse a causa determinante dos fenômenos, o moribundo, em lugar de experimentar exclusivamente formas alucinatórias representando defuntos – por vezes, mesmo, defuntos esquecidos pelo doente – deveria ser sujeito, as mais das vezes, a formas alucinatórias representando pessoas vivas às quais fosse vivamente ligado – o que não se produz.

Verifica-se, ao contrário, que não há exemplo de moribundos que percebam supostos fantasmas de vivos ou lhes dirijam a palavra da mesma maneira que às visões dos mortos. Só com estes se produzem os diálogos.

São bem conhecidos os casos de agonizantes que têm tido visões de fantasmas que se crê sejam de pessoas vivas; mas, nesses

casos, verifica-se invariavelmente, em seguida, que essas pessoas tinham morrido pouco antes, posto que nenhum dos assistentes nem o próprio doente o soubessem.

É preciso reconhecer que essas considerações se revestem de alto valor indutivo, no sentido da interpretação espírita dos fatos, ainda que a demonstração experimental da legitimidade dessa explicação seja muito difícil, por causa da própria natureza dos fatos de que se trata. De qualquer modo, essas considerações contribuem para fazer melhor sobressair a oportunidade de uma nova análise mais atenta dos casos de que nos ocupamos.

Passo agora a expor certo número de exemplos, enquadrados em cada uma das diferentes formas nas quais se manifestam os casos que podem entrar nesta primeira categoria.

Caso 1 – Na vida do Rev. Dwight L. Moody, ardente propagandista evangélico, nos Estados Unidos, escrita por seu filho (pág. 485), encontra-se o seguinte relato dos seus últimos momentos:

“Ouviram-no, de repente, murmurar:

– A Terra se afasta, o céu se abre diante de mim; já lhe ultrapassei os limites; Deus me espera; Não me chamem; tudo isso é belo; dir-se-ia uma visão de êxtase. Se tal é a morte, como é doce!...

Reavivou-se-lhe o rosto e com alegre expressão de arrebatamento exclamou:

– Dwight! Irene! Vejo as crianças.

(ele fazia alusão a dois de seus netos que estavam mortos).

Em seguida, voltando-se para a consorte, lhe disse:

– Tu foste sempre uma boa companheira para mim.

Depois destas palavras perdeu a consciência.”

Caso 2 – O Professor A. Pastore, do Liceu Real de Gênova, em interessante artigo publicado no *Fanfula della Domenica*, ano de 1887, nº 36, conta ele próprio o que se segue:

“Experimentei doença bem grave. No período da crise, quando tinha perdido completamente a consciência da dor física, aumentou extraordinariamente em mim o poder da imaginação e eu via nitidamente, em confusão distinta (duas palavras que parecem inconciliáveis e que são as únicas com que posso exprimir meu pensamento), eu próprio criança, jovem, na idade viril, nas diversas épocas de minha existência: um sonho, mas um sonho mais forte, mais intenso, mais vivo. E no espaço imenso, azul, luminoso, minha mãe vinha ao meu encontro – minha mãe morta havia quatro anos. É uma impressão inexprimível. Desde então, lendo Phédon, melhor pude compreender Sócrates.”

Caso 3 – O Sr. Hudson Tuttle assim fala de outro caso vindo ao seu conhecimento:

“Episódio muito comovedor produziu-se, há alguns anos, na cidade de Hastford. Aquele que mo comunicou estava de tal forma convencido da natureza supranormal do que tinha visto, que o fato lhe ficara bem gravado na memória.

Ele vive ainda num Estado do Oeste; é um homem prático, positivo – a última pessoa capaz de se deixar arrastar por fantasias.

No caso de que se trata, velava ele à cabeceira de um moribundo, tipógrafo de profissão.

O agonizante se extinguia aos poucos, havia já meia hora. A respiração, cada vez mais opressa, tinha-se tornado muito lenta e difícil. Enfim, chegou o momento em que o velador o julgou morto. De repente, porém, suas pálpebras se reabriram, animadas com expressão de grande surpresa, como se ele tivesse reconhecido alguém; iluminou-lhe o rosto a embriaguez de grande alegria e exclamou:

– Tu, tu, minha mãe!

E caiu morto em seu travesseiro.

“Ninguém poderá nunca persuadir-me – diz o narrador desse episódio – que este homem não tenha realmente percebido sua mãe diante de si.”

Hudson Tuttle – *The Arcana of Spiritualism*, pág. 167.

Caso 4 – Alfred Smedley, nas págs. 50-51 de sua obra *Some Reminiscences*, conta os últimos momentos de sua mulher, como se segue:

“Alguns momentos antes de sua morte, fixaram-se-lhe os olhos em qualquer coisa que parecia enchê-los de viva e agradável surpresa. E disse, então:

– Como! Aqui a minha irmã Carlota; aqui minha mãe, meu pai, meu irmão João, minha irmã Maria! Trazem-me agora também Bessy Heap! Estão todos aqui. Oh! como é belo, como é belo! Não o vê?

– Não, minha querida – respondi –, e bem o lamento.

– Não podes vê-los? – repetiu a doente, com surpresa –. No entanto, estão todos aqui; vieram para levar-me consigo. Parte de nossa família já atravessou o grande mar e em breve nos acharemos reunidos na nova morada celeste.

Ajuntarei que Bessy Heap tinha sido criada fiel, muito afeiçoada à nossa família, havendo tido sempre minha mulher em particular estima.

Depois dessa visão extática, a doente ficou algum tempo como que esgotada. Voltando, enfim, o olhar fixamente para o céu e erguendo o braço, expirou.”

Caso 5 – O Dr. Paul Edwards escrevia, em abril de 1903, ao diretor da *Light*:

“Lá para o ano de 1887, quando habitava uma cidade da Califórnia, fui chamado à cabeceira de uma pessoa cara e que se achava em seus últimos momentos, em consequência de doença pulmonar. Todos sabiam que essa mulher pura e nobre, essa mãe exemplar, estava condenada à morte iminente. Ela acabou também por se aperceber disso e quis preparar-se para o grande instante. Tendo chamado seus filhos para perto da cama, abraçou-os alternadamente, depois do que os fez voltar. Seu marido aproximou-se por último, a fim de lhe dar e receber o derradeiro adeus. Ele a encon-

trou em plena posse de suas faculdades intelectuais. Começou ela por dizer-lhe:

– Newton (era o nome do marido), não chores, porque eu não sofro e tenho a alma confiante e serena. Amei-te sobre a Terra; amar-te-ei ainda depois de minha partida. Espero vir a ti, se isso me for possível; não o podendo, velarei do céu por ti, por meus filhos, esperando a vinda de todos. Agora, o meu maior desejo é ir-me embora... Vejo várias sombras que se agitam em torno de nós... todas vestidas de branco... Escuto uma deliciosa melodia... Oh! eis aqui minha Sadie! Está perto de mim e sabe perfeitamente quem sou. (Sadie era uma filha que ela havia perdido dez anos antes).

– Sissy – disse-lhe o marido –, minha Sissy, não vês que sonhas?

– Ah! meu querido – respondeu a enferma – por que me chamaste? Terei agora mais trabalho em voltar. Sentia-me tão feliz no Além; era tão delicioso, tão belo!

Cerca de três minutos depois a agonizante acrescentou:

– Volto de novo e desta vez não tornarei, ainda mesmo que me chames.

Esta cena durou oito minutos. Via-se bem que a doente gozava de completa visão dos dois mundos, ao mesmo tempo, porque falava das figuras que se lhe moviam em torno no Além e, ao mesmo tempo, dirigia a palavra aos mortais deste globo...

Nunca me sucedeu assistir a um trespasse mais impressionante, mais solene.” (*Light*, 1903, pág. 167.)

Caso 6 – O Dr. Wilson, de Nova York, que assistiu aos últimos momentos do tenor James Moore, narra o que se segue:

“Eram 4 horas e a claridade da alva, que ele havia esperado com ansiedade, começava a filtrar-se através das venezianas. Inclinei-me sobre ele e verifiquei que seu rosto estava calmo e o olhar límpido. O pobre doente olhou-me e, apertando-me a mão entre as suas, disse:

– O senhor foi um bom amigo para mim, doutor; não me deixou.

Passou-se, então, um fato, de que não me esquecerei até o último dia; alguma coisa que minha pena é impotente para descrever; só posso exprimir-me afirmando que ele parecia ter sido transportado ao Além, conservando a plenitude da razão.

E embora não me possa explicar devidamente, estou absolutamente convencido de que o enfermo havia penetrado na morada espiritual.

Com efeito, elevando a voz muito mais do que o havia feito durante sua doença, exclamou:

– Eis aqui minha mãe! Vens para ver-me, mamãe? Não, não; sou eu que irei para onde estás. Espera um instante, minha mãe, estou quase livre; depois, juntar-me-ei a ti. Espera um instante.

Seu rosto tinha uma expressão de felicidade inexprimível; o modo por que falava fez-me uma impressão que nunca sentira até então; ele viu sua mãe e falou-lhe; eu o estou tão firmemente convencido como o de estar sentado aqui neste momento.

Com o fim de gravar a recordação do fato mais extraordinário a que até agora tenho assistido, registrei imediatamente, palavra por palavra, o que acabava de ouvir... Foi a mais bela morte a que assisti.” (*Light*, 1903, pág. 418.)

Caso 7 – Encontro-o no *Journal of the American Society for Psychological Research* (1913, pág. 603); ele representa a forma mais simples pela qual se manifestam os fenômenos. O Sr. Rud. C. Gittermann, membro da *S. P. R.* inglesa, escreve ao professor Hyslop:

“Meu pai morreu na Alemanha a 18 de março de 1892 e minha mãe veio viver conosco, em Odessa; ela, porém, caiu doente, por seu turno, e morreu a 6 de maio do ano seguinte, 1893.

Da mesma maneira que meu pai, permaneceu ela invencivelmente céptica no que concerne à existência e à sobrevivência da alma. Alguns segundos antes de sua morte, voltou a si (ela estava em estado de coma cerca de dois dias), levantou-se, sem auxílio, do leito, estendeu os braços e, com a surpresa estampada no rosto, gritou:

– Papai! Papai! – como se, verdadeiramente, a inesperada aparição se lhe tivesse apresentado diante dos olhos.

Caiu, em seguida, nos braços de minha mulher e expirou. Minha mãe, como nós outros, filhos, tinha o hábito de chamar ao marido, “papai”. Certifico que o que precede é a pura verdade.” (Assinado: Rud. C. Gittermann.)

O professor Hyslop observa: “O interesse do caso consiste em estar associado a um estado de espírito que não deveria, racionalmente, provocar um incidente desse gênero. Com efeito, se se podem alegar os hábitos religiosos do espírito para explicar as visões que se têm produzido em certos casos, um estado irreligioso de espírito, como no caso presente, não deveria razoavelmente provocar semelhante visão. Como quer que seja, essa circunstância, por si só, não vale ainda como prova, apesar de não serem encontrados, no fato de que se trata, incidentes sugestivos, fora do uso correto do apelido “papai”.”

Caso 8 – O Sr. S. Bennett comunica ao professor Hyslop este outro episódio que extraio igualmente do *Journal of the American S. P. R.* (1918, pág. 607):

“G. Hall Tench morreu em 1902, de um carcinoma, depois de muitos anos de sofrimentos, suportados com estoicismo...”

Durante as últimas semanas velei assiduamente à sua cabeceira. Apesar dos atrozes padecimentos que o dilaceravam, ele recusou sempre tomar narcóticos ou estimulantes, dizendo àqueles que a isso o exortavam:

– Sempre vivi como verdadeiro Hall Tench e quero morrer como tal.

Na noite em que chegou ao seu termo, acordou o filho e convidou-o a reunir-se à família, uma vez que lhe tinha soado a

última hora. Falou a todos do modo mais racional e consciente; e, enfim, quando chegou o irmão, lhe disse ainda:

– Adeus, Will; já me vou.

Fechou, então, os olhos.

Os familiares acreditavam que o fim tinha chegado, mas depois de curto intervalo, ele reabriu os olhos, levantou a cabeça, olhou para o alto com expressão de vivo interesse, depois para a extremidade do leito e disse com voz bem clara:

– Como! Mas são pessoas como nós!

E expirou em seguida.

Tench não era homem religioso, posto que fosse assistido até o final por um ministro metodista.

Era, no entanto, pessoa de alta moralidade, rigidamente honesto em todas as manifestações da vida. Possuía, além disso, muita firmeza e coragem, como o demonstrou, recusando que lhe atenuassem os sofrimentos à custa da sensibilidade. Não tinha muito cultivo nem paixão pela leitura; não duvido, porém, de forma alguma, que ele houvesse refletido longamente no destino que o esperava e, certo, tinha a imaginação repleta das imagens habituais dos anjos alados e das harpas angélicas; em consequência, nada mais provável que nos últimos instantes tivesse exprimido surpresa, vendo que os mortos que o vinham acolher revestiam o aspecto de *pessoas como nós*.”

Caso 9 – O episódio seguinte, tirado do *Journal of the American S. P. R.* (1918, pág. 623), foi comunicado ao Prof. Hyslop pelo Dr. E. H. Pratt:

“Minha irmã Hattie foi atacada de difteria maligna quando estava na escola, no Carroll Seminary. Transportaram-na imediatamente a casa, para que fosse confiada aos cuidados de nosso pai, mas não foi possível, infelizmente, salvá-la.

Depois de alguns dias de angústias extremas, sua bela alma evoluiu-se para as plagas que nos parecem tão tenebrosas e impenetráveis em sua incomensurável grandeza.

O episódio que se passou, em seu leito de morte, foi tão maravilhoso, tão realista, tão impressionante, que conservo

impressa em minha memória a cena panorâmica do acontecimento, tal como se fosse ontem, não obstante ter apenas dez anos de idade, quando ele sucedeu.

O leito de minha irmã era no meio do quarto e minha mãe, meu pai, a outra irmã e alguns amigos estavam em torno, observando ansiosamente o caro rosto da agonizante, onde a luz da vida se extinguia pouco a pouco e o palor da morte se acentuava.

Finava-se lentamente a pobre Hattie, em condições de perfeita calma e aparentemente sem sofrimentos. Posto que sua garganta estivesse obstruída pelas membranas diftéricas, de modo a tornar-lhe a voz muito fraca, o seu espírito parecia mais claro e racional do que nunca.

Ela se sabia a ponto de morrer e confiava à sua mãezinha as últimas disposições relativas às pequenas propriedades individuais que deviam ser distribuídas pelos amigos, a título de lembrança; nisso, repentinamente, levantou os olhos para o teto, para o ponto mais afastado do quarto, e olhou com viva atenção, como se estivesse ouvindo alguém falar; em seguida, fez um pequeno gesto de assentimento com a cabeça e disse:

– Sim, vovó, eu vou, eu vou; espera um único instante, te peço.

Meu pai perguntou:

– Hattie, vês tua avó?

Ela pareceu surpresa com a pergunta e respondeu prontamente:

– Mas, papai, não a vês? Ela me espera ali.

Assim dizendo, apontava com o dedo o ponto para onde havia fixado o olhar. Voltando-se, em seguida, de novo para sua mãe, acabou de ditar as disposições relativas ao pequeno tesouro a distribuir pelos amigos. Tornou-se ainda para sua avó, como a escutá-la, parecendo que esta a convidava a vir sem mais tardar, e depois deu a todos o extremo adeus. Tinha a voz fraca, mas o olhar que dirigia, sucessivamente, a cada um de nós, era cheio de inteligência e de

vida. Voltou-se, enfim, pela última vez, para o ponto em que se achava a visão, e com um fio de voz ligeiramente perceptível, disse:

– Agora estou pronta, minha avó.

E, olhando sempre naquela direção, sem luta, sem sofrimento, extinguiu-se.

Sua avó tinha morrido alguns anos antes e afeto grande e recíproco ligava-as em vida.

O episódio do reconhecimento por parte de Hattie foi tão realista em seus pormenores, que não nos parece possível explicá-lo sem admitir a presença efetiva da avó, com forma idêntica à que tivera em vida. Em suma, o episódio foi autêntico, indiscutível, real.” (Assinado: Dr. E. Pratt.)

Caso 10 – O Reverendo H. Harbough, em sua obra *Heavenly Recognition*, conta o fato seguinte:

“Em família de meu conhecimento, uma gentil e afetuosa menina teve a desgraça de perder a mãe em muito tenra idade, de sorte que seus traços não lhe puderam ficar gravados na memória. Essa criança doce, boa, religiosa, era o ídolo da inconsolada família. Flor definhada, não tardou a apresentar sinais da morte prematura. Por vezes, quando brincava nos joelhos da senhora que lhe substituíra a genitora, torneava-lhe o pescoço com os magros bracinhos, dizendo-lhe:

– Fale-me, agora, de mamãe.

E sendo-lhe a mesma narrativa repetida uma vez mais, pedia ela docemente:

– Leve-me para o salão, que quero ver mamãe.

O pedido era sempre executado e a criança ficava deitada, durante horas, mirando o retrato materno.

Chegou, por fim, a hora suprema; toda a família, com os amigos, se reunira em torno da pequena agonizante. O orvalho da morte já se estendia sobre esta bonina e, à medida que a vida se lhe ia extinguindo, o corpinho era sacudido por convulsões espasmódicas.

– Conheces-me, meu anjo – murmurou-lhe, chorando, ao ouvido, a voz do pai; mas a resposta não veio.

Repentinamente, aquele rosto pálido pareceu animar-se por uma influência do paraíso; abriram-se-lhe os olhos, grandes, radiosos e os bracinhos delgados se estenderam ao alto, num supremo esforço impulsivo; o olhar quedou-se no infinito, como se penetrasse no Além, e os lábios não pronunciaram mais que uma frase:

– Ó mãe!

Nela havia um acento de surpresa, de alegria, de transporte, e, com esse grito supremo, a criança parecia ter passado para os joelhos de sua mãe, que a esperava no outro mundo.

O ministro, que assistia a essa partida, não pôde deixar de dizer:

– Se não tivesse até aqui acreditado na existência de nossos trespassados junto aos leitos mortuários, já não poderia mais duvidar agora.” (citado por R. Pike, em seu livro *Life's Borderland and Beyond*, págs. 11 e 12.)

Caso 11 – Este outro episódio veio a lume em consequência de minha primeira monografia sobre a classe de casos de que aqui nos ocupamos.

A Sra. Le Normand des Varennes escreveu nos seguintes termos ao diretor da *Revue du Monde Invisible*, em julho de 1906:

“O artigo de Ernesto Bozzano, sobre aparições de defuntos no leito de morte, tem-me tanto mais interessado, quanto eu própria fui testemunha de um episódio análogo...

Tínhamos perdido um de nossos filhos, pelo tifo. Havia eu estado em Paris para tratá-lo e três dias depois trazia-lhe o corpo.

Deixara meu marido com um sofrimento de estômago, já antigo. Depois da morte de nosso Paulo, as crises do mal punham-no cada vez mais fraco; declinava rapidamente, suportando com coragem e resignação admiráveis seus atrozes sofrimentos. Em pouco, não pôde deixar mais o lei-

to e não me foi mais possível iludir-me sobre seu estado. Ele recebeu os sacramentos com perfeita lucidez e pediu que lhe trouxessem algumas flores de crisântemos que tinha plantado no túmulo do filho.

No curso da noite seguinte minha filha veio substituir-me à cabeceira do pai; mas, lá para as 5 horas, chamou-me; o doente piorava rapidamente e pareceu alegre por ver-me. Assentei-me à borda da cama e coloquei uma de suas mãos entre as minhas.

– Tu ficarás, agora, não é? – disse ele – e não irás enquanto... – e hesitou no pronunciar a palavra fatal.

– Não te deixarei mais – respondi-lhe.

– Obrigado – murmurou ele.

Depois do que, ficamos todos em silêncio.

Parecia que ele havia perdido o uso da voz e não sentia mais o contacto de minhas mãos, pois que, para assegurar-se de minha presença, murmurava, de quando em quando:

– Acaricia, acaricia!

Eu friccionava docemente essa pobre mão gelada e sua fisionomia retomava expressão mais tranqüila.

De repente, vimo-lo estender a mão livre e fazer o gesto de apertar uma outra, murmurando:

– Sim, sim, meu Paulo.

– Vês Paulo? – perguntei-lhe.

– Sim, vejo-o – respondeu ele, quase espantado com a pergunta.

Tivemos todos o mesmo pensamento: Paulo vem assisti-lo e ajudá-lo a morrer.

Sonhávamos, certamente, em outro leito de morte, perto do qual me encontrava, só, 18 meses antes; não creio, porém, que nenhum de nós tivesse tido a idéia da intervenção tangível de nosso caro morto; não podia, pois, tratar-se de transmissão involuntária de pensamento.

Meu pobre marido renovou, por diversas vezes, o gesto de apertar a mão a um ser invisível; depois disso, sem nenhum espasmo, sua alma exalou-se do corpo com um pequeno suspiro, e suprema serenidade baixou sobre o seu semblante.”

Caso 12 – O Dr. W. C. de Seranyn, em sua obra *Contribuição ao estudo de certas faculdades cerebrais desconhecidas*, conta o fato seguinte que ele observou, pessoalmente, no curso de sua longa carreira médica:

“João Vitalis era homem robusto, gordo, sangüíneo, casado, sem filhos, gozando perfeita saúde. Devia ter 39 anos quando foi subitamente tomado por febre violenta e dores articulares. Eu era seu médico e, quando o vi, os sintomas que ele apresentava eram os de reumatismo articular agudo...

Fiquei surpreso, na manhã do 16º dia, por encontrá-lo vestido, assentado na cama, sorridente, tendo os pés e as mãos inteiramente desembaraçados e sem mais apresentar a menor febre.

Eu o havia deixado na véspera em triste estado. As articulações da espádua, do cotovelo, das mãos, dos joelhos, dos pés, estavam tumefactas e doloridas. Tinha febre muito forte e eu não podia prever que o fosse encontrar tão fresco e bem disposto.

Muito calmamente, disse-me ele que atribuía sua cura súbita a uma visão que tivera durante a noite. Pretendia que seu pai, falecido havia alguns anos, lhe tinha aparecido.

Eis mais ou menos o que me disse ele:

– Meu pai veio visitar-me esta noite. Entrou em meu quarto pela janela que dá para o jardim. A princípio, olhou-me de longe; depois, aproximou-se de mim, tocou-me um pouco em toda parte do corpo para tirar-me as dores e a febre e, em seguida, anunciou-me que eu ia morrer, esta noite, precisamente às 9 horas. No momento da partida acrescentou que esperava que eu me preparasse para essa morte, como bom católico. Mandei chamar meu confessor, que

chegará logo. Vou confessar-me e comungar, e depois quero receber a extrema-unção. Agradeço-lhe muito os cuidados que tem tido para comigo; minha morte não será causada por nenhuma falta de sua parte. É meu pai que o deseja; ele tem, sem dúvida, necessidade de mim e virá tomar-me esta noite, às 9 horas.

Tudo isso me era dito de modo calmo, com rosto sorridente; uma expressão real de contentamento e felicidade irradiava de seus traços.

– Você teve um sonho, uma alucinação – disse-lhe eu –, e me espanto que tenha dado crédito a isso.

– Não, não – disse-me ele –, eu estava perfeitamente acordado; não era um sonho. Meu pai veio, de fato, e eu bem o vi; bem o entendi; ele tinha o ar bem vivo.

– Mas essa predição de sua morte, com hora fixa, não crê nela, sem dúvida, desde que está curado.

– Meu pai não me pode ter enganado. Tenho a certeza de que vou morrer esta noite, na hora por ele indicada.

Seu pulso estava cheio, calmo, regular, sua temperatura normal, nada indicava que estivesse eu em presença de um doente grave.

Preveni, entretanto, à família que a morte sobrevinha, por vezes, em casos de reumatismo cerebral, e o Dr. R..., velho e excelente prático, foi chamado para uma consulta.

O Dr. R... proferiu, diante do doente, toda sorte de gracejos, por motivo de sua alucinação de morte próxima; mas, à parte, junto à família reunida, declarou que o cérebro tinha sido atingido e que, nesse caso, o prognóstico era grave.

– A calma do doente – acrescentou – é estranha e insólita. Sua crença na objetividade da visão e na morte próxima é surpreendente. Ordinariamente, todos têm medo da morte. Ele tem o ar de não se importar com isso, pelo contrário, parece feliz e contente por morrer. Posso assegurar-vos, no entanto, que não tem o aspecto de quem vai morrer esta noite; quanto a fixar, de antemão, o momento da morte, é farsa.

Fui ao meio-dia ver meu doente, que me interessava vivamente. Encontrei-o em pé, passeando no quarto, e isso com passo firme, sem o menor sinal de fraqueza ou dor.

– Ah! – disse-me ele – esperava-o. Agora que me confessei e comunguei, posso comer alguma coisa? Tenho uma fome atroz, mas não queria tomar nada sem sua permissão.

Como ele não tivesse a menor febre e apresentasse todas as aparências de um homem em perfeita saúde, permiti-lhe comesse um bife com batatas.

Voltei às 8 horas da noite. Queria estar ao pé do doente para ver o que ele faria quando chegassem as 9 horas.

Conservava-se sempre alegre; tomava parte nas conversas com animação e raciocínio. Todos os membros da família estavam reunidos no quarto. Conversava-se, ria-se. O confessor, que aí estava, disse que fora obrigado a ceder às instâncias reiteradas do doente e que acabava de administrar-lhe o sacramento da extrema-unção.

– Não queria contrariá-lo – acrescentou – ele insistia de tal maneira... Aliás, é um sacramento que se pode administrar muitas vezes.

Havia uma pêndula no quarto e João, que eu não perdia de vista, lançava para ela, de vez em quando, olhares ansiosos.

Quando o pêndulo marcava 9 horas menos um minuto, e enquanto continuavam todos a rir e a conversar, ele se levantou do sofá onde estava sentado tranqüilamente e disse:

– Chegou a hora.

Abraçou a mulher, os irmãos, as irmãs, depois pulou para a cama com muita agilidade. Assentou-se, acomodou as almofadas e, como um ator que saúda o público, curvou muitas vezes a cabeça, dizendo:

– Adeus! Adeus!

Estendeu-se sem se apressar e não se moveu mais.

Aproximei-me lentamente dele, persuadido de que ele simulava a morte. Com grande surpresa minha, estava re-

almente morto; nenhuma angústia, nenhum estertor, nenhum suspiro; morrera de morte que eu nunca vira.

A princípio esperou-se que fosse uma síncope prolongada, uma catalepsia. O enterro foi por muito tempo demorado, até que nos tivemos que render à evidência, diante da rigidez do cadáver e dos sinais de decomposição que se seguiram.”

Caso 13 – Tomo-o da *Light* (1915, pág. 502). A Senhora C. J. Chambers, enfermeira voluntária, conta este fato:

“O seguinte episódio de uma criança moribunda, que percebe e reconhece seu pai morto, veio ao meu conhecimento, há algumas semanas apenas, quando me achava de serviço no Hospital de Comté.

Estava destacada na sala dos militares, quando vi chegar a enfermeira H..., que servia na sala dos homens, no andar superior.

Dispondo de meia hora de liberdade, veio tomar uma xícara de chá comigo. Conversamos sobre diversos casos interessantes confiados a nosso cuidado e, em certo momento, perguntei?

– Como vai o pequeno Brown?

Minha amiga balançou a cabeça. Tommy Brown era uma criança de 12 anos, a quem tinham feito grave operação, na esperança de salvá-la. Mas o pobre corpinho, esgotado, mostrou-se impotente para resistir à prova.

O rapaz pertencia a uma família numerosa e muito pobre, onde a mãe tinha achado impossível resolver o problema da existência; justo na idade em que a criança deveria nutrir-se para se desenvolver, raramente sabia ela o que era não ter fome; o comum era deitar-se em jejum. Nessas condições, sua viabilidade mostrou-se muito fraca para suportar uma operação cirúrgica; em lugar de melhorar, piorou rapidamente, apesar dos constantes cuidados e das caridosas atenções dos doutores e das enfermeiras.

– Não creio – respondeu minha amiga – que ele possa chegar até amanhã... Há dois anos, precisamente nesta data, seu pai morria na cama em face daquela situação em que agora se encontra seu Tommy.

E depois de uma pausa, minha amiga acrescentou:

– Pobre criança! Por muitas vezes já a acreditei morta; mas logo que lhe dou a injeção ordenada pelo doutor, ela torna à vida.

Quando volta a si, tem um grande abalo, ofega, abre os olhos e logo olha fixamente para o leito em frente. À noite passada, quando sua mãe velava junto à sua cama., ele disse:

– Mamãe, papai está ali.

A mãe olhou na direção indicada pelo filho, mas só viu a cama vazia e a parede branca.

– Não meu filhinho, não tem ninguém.

– Sm, mamãe, ele está lá. Não o vê perto desta cama?

E mostrava, de novo, o leito em que o pai tinha morrido.

– Mamãe, vá cumprimentá-lo e falar-lhe.

A mãe não via ninguém, além de mim e da outra criada de serviço. Perguntou então:

– Que faz teu pai, meu filho?

– Ele olha para a senhora. – e pouco depois – Agora ele olha para mim; faz-me um sinal com a mão; queria que eu fosse com ele.

Dizendo isto, procurou fracamente levantar-se; retivemo-lo, esforçando-nos por acalmá-lo.

Certa vez, a mãe, acreditando que o enfermozinho não a ouvisse, nos disse em voz baixa:

– Seu pai morreu há dois anos.

Mas Tommy replicou logo:

– Não, não é possível; ele está ao lado da cama e faz-me sinais com a mão. Olhem-no todas; ele ali está me chamando.

Pronunciando estas palavras, perdeu a consciência...

Às 5 horas da manhã o pobre Tommyzinho tinha respondido ao apelo do pai.”

Caso 14 – Neste caso que se vai ler, nota-se uma circunstância interessante, sob o ponto de vista científico: é que o moribundo vê fantasmas de defuntos que não conhece, se bem que fossem eles conhecidos dos de sua roda. Isso elimina a hipótese da auto-sugestão; não, porém, a da sugestão possível dos presentes.

Extraio o caso do *Journal of the American S. P. R.* (1907, pág. 47). O nome do narrador, conhecido de Hyslop, não nos é revelado:

“Esta tarde (14 de maio de 1906), fui encontrar uma senhora, cujo filho, uma criança de 9 anos, é morto há 15 dias.

Tinha sido operado de apendicite, dois ou três anos antes, e a operação havia provocado uma peritonite, da qual se tinha, no entanto, curado. Mas caiu de novo enfermo e foi preciso transportá-lo ao hospital para nova operação.

Quando acordou do sono dos anestésicos, estava perfeitamente consciente, reconheceu seus pais, o médico e a enfermeira.

Teve, no entanto, o pressentimento da morte e pediu à sua mãe que lhe segurasse a mão até a hora de se ir embora.

Devo ajuntar que depois da operação lhe haviam administrado estimulantes, os quais, provavelmente, lhe tornaram a mentalidade muito ativa.

Olhando para o alto, disse:

– Mamãe, não vês lá em cima minha irmãzinha?

– Não, querido, onde a vês tu?

– Aqui; ela olha para mim.

Então a mãe, para acalmá-lo, assegurou-lhe que a viu também.

Algum tempo depois, a criança sorriu de novo e disse:

– Quem está agora é a Sra. C..., que também vem ver-me. Ela sorri e me chama. (era uma senhora de quem ele gostava muito e que tinha morrido dois anos antes.)

E depois de curtos instantes:

– Chega também Roy. Eu vou com eles, mas não te queria abandonar, mamãe, e tu virás em breve ter comigo, não é? Abre a porta e pede-lhes para entrar. Eles estão esperando do lado de fora.

E assim dizendo, expirou. Ia esquecendo a mais importante visão: a da avó. Enquanto a genitora lhe segurava a mão, ele diz:

– Mamãe, tu te tornas cada vez menor; estás sempre com a minha mão presa: A avó está aqui comigo e é muito maior e mais forte que tu, não é? A sua mão é também muito maior que a tua.

É preciso não esquecer que a criança tinha 9 anos. Viu ela, pois, os Espíritos que descreveu e reconheceu? Ou as visões eram a consequência da hiperestesia cerebral, consecutiva aos remédios administrados?”

A mãe do pequeno confirma o que precede, e de um inquérito procedido a esse propósito resultou a convicção de que o pequeno nunca tinha visto a avó, morta 4 anos antes do seu nascimento. Roy era o nome de um seu amigo, morto um ano antes.

Disse, no começo, que neste caso a hipótese da auto-sugestão estava eliminada pelo fato de haver o doente visto fantasmas que desconhecia, mas que se não podia eliminar a tese da sugestão provável dos assistentes. Faço assim uma concessão devida aos métodos de estudos científicos, apesar de se me afigurar absolutamente improvável que os assistentes tenham dirigido seu pensamento para a avó da criança, morta 20 anos antes.

Nos três casos que se seguem os moribundos têm a visão de entidades espirituais que não são as de seus mortos – circunstância bastante rara na categoria de visões de que nos ocupamos. Inútil é advertir que, do ponto de vista da hipótese alucinatória, o fato entraria na ordem natural, em tais acontecimentos; do ponto

de vista da hipótese espírita, seriam *espíritos-guia* ligados a cada um de nós e que, nessas ocasiões, se manifestariam no leito mortuário.

Caso 15 – Extraio o primeiro exemplo da *light* (1907, pág. 118). O Dr. G. J. Grote conta o seguinte:

“Eu tinha um doente, chamado D..., antigo inspetor de finanças, que sucumbiu em conseqüência de ingurgitamento do fígado.

Meu irmão era seu amigo íntimo e foi chamado telegraficamente à sua cabeceira, onde ficou até que ele falecesse, o que sucedeu algumas horas depois.

Havia outro amigo do doente, um Sr. M. R., também agente de finanças, que ficou surpreso por ver o seu superior, moribundo, pedir-lhe que o interrogasse sobre a maneira de medir o conteúdo de um tonel de cerveja, etc. Contentou-o o amigo; e o agonizante, depois de ter dado as respostas, interrogou se o havia feito acertadamente.

– Inteiramente certo – disse M. R.

– A razão pela qual – continuou o moribundo – lhe pedi que me fizesse perguntas foi para convencê-lo de que estou de posse de todas as minhas faculdades mentais e, por forma alguma, alucinado.

Ora, devo declarar-lhe que vejo no quarto, com minha mulher e vocês dois, outras formas espirituais que não conheço, mas que aqui vieram, certamente, com um fim qualquer. Ignoro qual é ele, mas desejo que se saiba que o mundo espiritual não é uma hipótese.

Depois de assim ter falado, finou-se rapidamente. Meu irmão M. D. e M. R. eram todos membros da Igreja Congregacionista.”

Caso 16 – Este é tirado de *Light* (1901, pág. 36). O Dr. H. W. Worthen narra o episódio seguinte, contado por um clérigo de Vermont (Estados Unidos):

“Sou um eclesiástico e há alguns anos era pastor de uma cidade da Nova Inglaterra, onde fiquei em serviço durante

muitos anos. Entre os membros da Congregação havia uma jovem de cerca de 30 anos, dotada de notável inteligência e nobre caráter, a quem chamarei Alice. Era bonita, genial, estimada por toda a comunidade. Atacada de febre infecciosa, que degenerou num abscesso lombar, morreu após algumas semanas de sofrimento.

Na noite precedente à de sua morte, chamou-me, cerca de duas da manhã. Assistiam-na três senhoras, que pouca atenção prestaram à minha chegada. Dir-se-ia que estavam tomadas de estranha mania, que as impedia de falar.

Assentei-me perto do leito da doente e perguntei-lhe como ia.

– Muito fraca – respondeu-me.

Depois da troca de algumas palavras voltaram todos ao silêncio embaraçoso anterior.

Enfim, dirigiu-se a mim uma das senhoras e disse em voz baixa:

– Alice viu um anjo.

Compreendi, então, que o silêncio das senhoras era devido a temor e respeito; percebiam que se encontravam no sólio do mundo espiritual.

Não respondi logo, querendo assegurar-me se havia na doente sinais de delírio. Rompi, afinal, o silêncio, perguntando?

– Alice, tivestes a visão de um mensageiro espiritual?

Ela respondeu:

– Sim, realmente.

– E quando foi a visão?

– À meia-noite.

– Onde e como a viu?

– Parece-me que adquiri novas faculdades visuais e, enquanto olhava ao longe, no espaço, vi como que uma luminosidade global que se dirigia para mim e na qual percebi uma forma espiritual humana, que penetrou em meu quarto.

- Como estava vestida?
- De branco imaculado.
- Onde estava?
- Entre a cama e o piano.

Nesse momento, as senhoras presentes me disseram que, durante a visão, a doente tinha conversado com alguém. Perguntei, então.

- Que lhe disse o Espírito que a visitou?
- Muitas coisas e entre outras que viria buscar-me dentro de 24 horas.

Perguntei ainda:

- Pode dizer-me que dia da semana é hoje?
- Sexta-feira – respondeu-me. (Eram, com efeito, 3 horas da madrugada de sexta-feira.)

Perguntei mais?

- E poderia dizer-me o dia do mês?

Ela o disse e acrescentou:

- Ó meu pastor, não deveria fazer-me estas perguntas; estou de posse de todas as minhas faculdades e sei bem o que digo.

Entrementes, enfraquecia cada vez mais; quando pareceu que dormia, voltei para casa. À meia-noite do dia seguinte, a bela alma de Alice deixava a Terra pela morada dos imortais. Quando depus o corpo no ataúde, notei que doce sorriso lhe iluminava os traços tão experimentados pela dor. A casa estava cheia de amigos e alguns pensavam encontrar-se em uma ambiência tornada sagrada pela presença de um anjo e por aí haver habitado uma mulher de quem se pode dizer que realmente o era.”

Caso 17 – Foi-me este comunicado pelo redator-chefe dos *Anais das Ciências Psíquicas*, M. C. de Vesme, e diz respeito à morte da Sra. Lena Botrel, a 11 de junho de 1916, em Pont-Aven, na Bretanha.

O marido da morta, que é célebre bardo bretão, Teodoro Botrel, escreve o que se segue, ao Sr. de Vesme, em data de 1º de novembro de 1919:

“Caro confrade.

Li com atenção e emoção o estudo de Bozzano ... e compreendo por que você me pede um exemplar do *In memoriam*, publicado por ocasião do falecimento da Sra. Botrel. Parece evidente que, em pleno uso da razão, minha cara desaparecida viu um anjo, entreviu um canto radioso do *outro mundo* e, no momento da morte, percebeu, de repente, o Espírito de sua mãe.

Só lhe posso enviar uma edição simplificada do Memento pedido. Transcrevo, para o Sr. Bozzano, o testemunho de duas boas bretãs – sua criada e sua costureira –, as quais, enquanto eu estava no *front*, não deixaram a cabeceira da agonizante, morta de peritonite, em cinco dias, sem ter perdido um instante a lucidez de espírito.”

Testemunho de Mme. Josephine Mainguy:

“Ela erguia os olhos ao teto e dizia: – Como é belo o que me espera! Como Deus é bom para mim, deixando-me vê-lo um pouco! Minhas amigas, ali está um anjo, à minha esquerda; foram vossas preces que o fizeram vir. Mas como é curioso, não têm asas!...

E depois, cada vez que alguém se dirigia ao biombo, à esquerda do leito, ela parava a conversa para dizer: – Não passe aí, que vai incomodar meu anjo!”

Testemunho da Sra. Josephine Allanie:

“O rosto torna-se-lhe radiante, por momentos, e ela fica em êxtase, fixando os olhos no alto: – Oh! o Céu – dizia –, como é belo! Eis os anjos, eis mamãe!

Não ousávamos mover-nos, tão comovente era ver-lhe tais instantes de alegria em meio a seus padecimentos.”

Testemunho de Teodoro Botrel:

“Copio do meu caderno de notas estas linhas: Só cheguei a Pont-Aven, quarta-feira, às 10 horas; ela não falava desde as 5 da manhã, mas estava em pleno uso da razão; às 14 horas, precisas, disse, de repente, com voz bem clara e alegre: – Mamãe! – E foi tudo: tinha exalado a última palavra no último suspiro.” (Assinado: Teodoro Botrel.)

O Sr. Botrel, a propósito da surpresa de sua mulher, ao ver um anjo sem asas, observa justamente em uma nota:

“Esta frase prova bem que ela não era brinquedo da imaginação, pois que esperava ver asas nas costas dos anjos! Ela se espanta de que eles não as tenham!”

Já citei um fato (Caso 8) no qual o moribundo, percebendo aparições semelhantes, exclama:

– Como! Mas são pessoas como nós! – Sobre o que o narrador observa: “Provavelmente ele sentia a imaginação cheia das imagens habituais dos anjos alados e das harpas angélicas; por conseqüência, nada mais provável que no último momento haja exprimido surpresa, vendo que os mortos que o vinham acolher tinham o aspecto de “pessoas como nós”.

Contarei mais adiante (Caso 24) um terceiro episódio concernente a uma menina de 10 anos que, por seu turno, manifesta admiração vendo “anjos sem asas”.

Ora, esses incidentes apresentam um valor probante real, pois que os fantasmas alucinatórios, como se sabe, tomam formas correspondentes às idéias que se têm figurado, anteriormente, na mentalidade do doente, e não podia ser de outra maneira.

Resulta daí que, se a idéia dos anjos alados (de que temos ouvido falar por nossa mãe durante nossa infância e de que mais tarde lemos a descrição na Bíblia e vemos centenas de vezes representada nos quadros de assuntos religiosos), se tivesse gravado nas vias cerebrais do doente, este deveria supor estar vendo anjos com asas.

Ora, como vimos nos casos narrados, os moribundos, dominados por essa idéia preconcebida, perceberam fantasmas cuja

aparência era contrária à idéia em questão; devemos, pois concluir que, nas circunstâncias descritas, se trata de aparições verídicas de fantasmas de defuntos e não de alucinações patológicas.

*

Os casos precedentes representam a mais simples expressão da fenomenologia de que nos ocupamos. Passemos agora a outros casos, nos quais se encontra um elemento sensacional a mais, constituído pela circunstância de que a percepção de um fantasma de defunto é a repetição ou revocação de outra objetivação alucinatória idêntica à que o mesmo percipiente anteriormente houvera tido, por vezes em época muito afastada de sua existência.

Acontece também que, em certos casos, no curso da objetivação anterior, o suposto fantasma tenha anunciado ao percipiente que se manifestará a ele ainda uma vez. Em algumas circunstâncias, muito raras, tinha mesmo precisado que se apresentaria no momento da morte.

Em outro caso, que vamos narrar, o fantasma aparecido no leito de morte é o de uma personalidade mediúnica que, em época anterior, tinha o hábito de manifestar-se ao percipiente por meio da escrita automática.

Tendo em conta tais circunstâncias, a hipótese auto-sugestiva basta para explicar esses exemplos de revocações alucinatórias – salvo quando incidentes especiais conferem aos fatos uma significação supranormal.

Os casos de que se trata se manifestam em formas muito variadas; mas os episódios seguintes bastarão para deles dar uma adequada idéia.

Caso 18 – Extraio-o da obra *A Memoir of Mario*, de Godfrey Pearse e Frank Hird; refere-se à morte da Senhora Julie Grisi, a célebre prima-dona:

“Na primavera de 1869, a Sra. Julie Grisi teve estranha visão: viu aparecer junto a seu travesseiro o fantasma de sua filha Bela, morta ainda criança, em Brighton, no ano de

1861; a visão anunciou-lhe que ela não tardaria a se lhe reunir para sempre.

O tenor Mário fez o possível para desviar o espírito de Grisi do estado de abatimento no qual esta mergulharia. Foi, porém, em vão; ela se mostrava convencida da realidade do que vira, e por conseqüência, também, do seu fim iminente.

A grande cantora morreu a 3 de novembro de 1869. A última palavra que pronunciou foi o nome da filha morta. Ela se havia levantado, estendera os braços como para receber pessoa invisível e murmurou: “Bela!”, e tombou-se novamente no travesseiro, dando o último suspiro.” (Obra citada, págs. 270-274.)

Nesta narrativa não se diz claramente se a primeira visão de Grisi se realizara em sono ou se se tratava de uma visão em estado de vigília; não se precisa, também, de que moléstia morreu. É, pois, impossível estabelecer consideração sobre a hipótese que melhor se adapta ao acontecimento em questão; com efeito, só no caso de doença acidental poder-se-ia razoavelmente afastar a hipótese auto-sugestiva.

Caso 19 – Neste episódio é preciso notar a circunstância de que a visão aparecida no leito de morte tinha-se produzido, em outras ocasiões, com a mesma pessoa, como símbolo premonitório da morte de terceiros, a ela ligados por laços de afeto; de sorte que haveria nessas aparições um elemento verídico, inconciliável com as hipóteses alucinatória, sugestiva e telepática.

Eu o extraio do *Journal of the American S. P. R.* (1918, pág. 614). A Sra. Lida M. Street escreve, nestes termos, ao Prof. Hyslop:

“Minha mãe tinha o hábito de dizer que, na iminência da morte de algum próximo parente ou amigo, sua mãe lhe aparecia, fixando-a com insistência.

A primeira vez que vim a conhecer essas visões de minha mãe, tinha 12 anos. Sua mais íntima amiga estava doente e,

nessa tarde, como de hábito, minha mãe chegou da casa de sua amiga e deitou-se perto de mim.

Quando acordei, pela manhã, vi-a assentada à borda da cama, em atitude de concentração dolorosa.

Perguntei-lhe o que tinha e ela respondeu:

– Minha mãe apareceu-me neste instante.

E acrescentou que a genitora lhe aparecia infalivelmente na iminência da morte de algumas pessoas a quem estimava. E depois repetiu:

– Quando abri os olhos, vi minha mãe ao pé do leito, olhando-me com insistência.

Uma hora depois, minha tia chegou da casa da doente, anunciando-me sua morte, que sobreviera, cedo, pela manhã.

Não me lembram nitidamente outros exemplos de casos de alucinação de minha mãe, até a manhã do dia do seu falecimento, que se realizou 15 anos mais tarde.

Ela estava atacada de pneumonia, mas o médico a encontrou muito melhor e eu me senti tranqüila. Essa noite, era eu só a velar e, lá para as 4 horas da madrugada, aproximei-me para fazê-la tomar o remédio. Ela pareceu acordar de um sono ligeiro, olhou-me com expressão de intenso amor e disse-me:

– Minha mãe me apareceu!

A significação dessas palavras veio-me subitamente à memória. Administrei a poção, tremendo, e corri a acordar meu pai, para que ele fosse chamar o médico. Antes que este chegasse ela tinha caído em coma e algumas horas mais tarde finou-se.

As palavras narradas foram as últimas que ela me dirigiu e as tinha pronunciado com voz clara e firme.

Morreu de fraqueza de coração, em consequência da pneumonia.

Minha avó havia falecido um mês antes do meu nascimento.”

Caso 20 – O caso seguinte, rigorosamente documentado, foi comunicado por Alexandre Aksakof aos *Annales des Sciences Psychiques* (ano 1894, págs. 257-267).

Dada a sua extensão, limitar-me-ei a contar algumas passagens necessárias à compreensão do assunto:

“Minha irmã Catarina morreu deixando uma filhinha de 3 anos, de cuja educação me encarreguei. Com a idade de 8 a 9 anos, Júlia, que não se lembrava quase da mãe, começou, de repente, a falar dela, dizendo que queria ver sua mamãe, que a tinha visto em sonho.

Certo dia em que estávamos todos juntos no salão, disse a pequena:

– Aí vem mamãe.

E foi como que ao seu encontro e nós a ouvimos falar-lhe.

Essas visões, depois, repetiram-se muitas vezes. A princípio, procurei persuadir a menina de que se tratava de uma fantasia, que sua mãe não podia vir a casa; mas quando a ouvi narrar acontecimentos do passado, sucedidos antes do seu nascimento e que lhe eram desconhecidos, transmitir-nos da parte de sua mãe conselhos muito profundos e muito sérios, que não os podia compreender em sua idade... foi preciso acreditar nas aparições.

Também nelas acreditei com toda a alma. (Testemunho da Sra. Dimitrief.)

A aparição materna começava sempre assim: a menina corria ao seu encontro, parecia receber um beijo na fronte; depois, sentava-se numa cadeira, na sala, “ao lado da qual mamãe gostava de tomar lugar” – dizia invariavelmente a pequena.

Depois Júlia, da parte de sua mãe, começava a falar sempre assim: Dize a tua tia, etc.

Um dia, por exemplo, falou desta forma: – “Mamãe me disse: – Dize a tua tia que eu me posso tornar visível a ela também, mas que isso lhe causaria tal abalo nervoso, que a

deixaria doente. As crianças têm menos medo de nós; é por isso que eu falo por ti.” (Testemunho da Sra. Maria Sabourof.)

A última vez que ela apareceu a Júlia foi com sua companheira, Srta. Keraskof; dizendo-lhe adeus, acrescentou que suas aparições deveriam cessar, mas que um dia, em momento sério de sua vida, viria ainda...

Com a idade de 21 anos, Júlia esposou um guapo e honesto marinheiro, o Sr. Dobrovolsky, que a tornou inteiramente feliz. Há uma dezena de anos, casando a filha, Júlia resfriou-se, e apanhou, como sua mãe, tísica fulminante. Morreu com 41 anos na Criméia, para onde tinha sido levada, na esperança de cura.

Terminou seus dias em pleno uso da razão, como a maior parte dos tísicos. No último momento, voltou-se subitamente de lado, e seu rosto exprimiu espanto, misturado com tristeza e talvez certo pavor; o que faz supor que, nesse instante, a mãe lhe tivesse aparecido uma vez ainda.

– É possível?! – disse ela, como se dirigindo a alguém, e foram estas suas últimas palavras.” (Testemunho de Natália R...)

No episódio que acabamos de ler, encontram-se modos de manifestação que sugerem, de forma irresistível, a interpretação espírita dos fatos; como especialidade, a circunstância da menina que, no curso de suas aparentes conversas com a mãe morta, mostrava-se ao corrente de casos ignorados e produzidos antes de seu nascimento.

É, infelizmente, de deplorar que os narradores não se tenham lembrado de precisar os fatos, limitando-se, apenas, a fazer-lhes alusões de modo geral.

Caso 21 – Tiro este outro caso da obra muito conhecida de Mme. d’Espérance: *Au Pays de l’Ombre* (páginas 140-143); é o caso de que já falei e no qual o fantasma, aparecido no leito de morte do percipiente, era o de uma personalidade mediúnica que

tinha o hábito de manifestar-se anteriormente, pela escrita automática. Mme. d'Espérance escreve:

“Mais tarde, o nosso círculo de amigos invisíveis aumentou com uma espanholinha que escrevia mal o inglês, entremeando-o de palavras espanholas; sua escrita era estritamente fonética e suas expressões as de uma criança voluntariosa e impetuosa de 7 ou 8 anos.

Disse-me ela ter sido queimada com sua irmã mais velha em uma igreja de Santiago. Ligou-se prontamente a um dos membros de nosso círculo; chamava-lhe Geórgio e lhe manifestava suas preferências.

Desde esse tempo parecia prodigalizar todas as suas atenções a esse novo amigo. Se Geórgio não vinha, por uma razão qualquer, Ninia também não vinha ou se mostrava inconsolável.

Fiel amiguinha! Alguns anos mais tarde, Mme. F... e eu viajávamos a muitos milhares de milhas de distância para assentar-nos à cabeceira de Geórgio, que morria.

Acabava eu tristemente de escrever uma carta, sob seu ditado, e lha relia.

– Obrigado – disse-me ele –, está bem. Vou tentar agora assiná-la.

Mas logo exclamou:

– Como! Ninia! Como isso é gentil de tua parte!

Eu o olhava ansiosamente, empolgada por sua expressão alegre. Tinha o rosto inundado de felicidade.

– Cara Niniazinha, não partas – disse o enfermo, com olhos súplices.

Depois, notando o nosso ar inquieto, ajuntou:

– Esta querida filhinha!... Estou tão fatigado... quero ver se posso dormir um pouco.

Fechando os olhos, adormeceu, tendo espelhados no rosto um sono feliz e uma expressão de paz. Ficáramos com medo que fosse aquele o seu último sono.

Quando acordou, lançou a vista, ansiosa, em torno de si; parou-lhe o olhar e fixou-se no espaço, lá, onde antes tinha visto a pequena amiga. Para logo sorriu, fazendo ligeiro sinal de satisfação. Chamou-a muitas vezes nas horas que se seguiram:

– Ela vai ficar cansada de me esperar – disse em certo momento.

Do espírito nunca se lhe distraiu esse pensamento; sabia que o aguardava grande transformação e a presença de Ninia parecia dar-lhe coragem. Falou-nos docemente e com calma durante a hora que lhe precedeu a morte e suas últimas palavras foram:

– Querida Ninia, querida amiguinha!”

Caso 22 – O exemplo que vou narrar pertence a uma categoria de casos bastante raros, que diferem ligeiramente dos outros, pelo fato de que a visão de um fantasma de defunto, em vez de produzir-se no momento pré-agônico, sucede muitas horas, ou mesmo um dia antes da morte do percipiente; este não é, no entanto, uma pessoa gravemente doente; pelo contrário, parece estar em estado normal de saúde. Há a notar, em seguida, que o fenômeno se realizou depois de uma promessa feita por esse mesmo fantasma ao percipiente, em uma aparição precedente.

Nessas condições, compreende-se facilmente que a realização da morte do percipiente, à hora profetizada, possa ser atribuída à influência bem conhecida que os fenômenos auto-sugestivos produzem no organismo humano.

Trata-se de um caso publicado pelos *Proceedings of the S. P. R.* (vol VIII, pág. 367).

Thomas James Norris conta o que segue:

“Há cerca de 60 anos, a Sra. Carleton morreu no condado de Leitrim. Ela e minha mãe eram amigas íntimas. Alguns dias depois de sua morte, apareceu em sonhos à minha mãe e lhe disse:

– Não me verás mais, nem mesmo em sonho, exceto uma vez ainda e esta será justamente 24 horas antes de tua morte.

Em março de 1864 minha mãe vivia em Dalky com minha filha e meu genro, o Dr. Lyon.

Na noite de 2 de março, no momento de retirar-se para seu quarto, estava ela de muito bom humor; ria e gracejava com Mme. Lyon. Essa noite, ou antes, pela manhã, o Dr. Lyon ouviu ruído no quarto de minha mãe; acordou a esposa e mandou-a ver o que se passava.

Esta encontrou minha mãe, meio fora do leito, apresentando na fisionomia uma expressão de horror.

Fizeram-na deitar-se, reconfortaram-na. Pela manhã ela parecia inteiramente sossegada. Almoçou, como de costume, em sua cama, mas com bom apetite.

Quando minha filha a deixou, ela pediu que lhe preparassem um banho e tomou-o. Em seguida mandou chamar minha filha e lhe disse:

– Mme. Carleton veio, enfim, depois de 56 anos. Declarou-me que a morte me estava próxima e que eu morreria amanhã de manhã, à hora em que esta madrugada me encontraste meio fora da cama. Tomei um banho para que não tenham que lavar meu corpo.

A partir desse instante começou a definhar e expirou a 4 de março, à hora previamente anunciada.” (Assinado: Thomas James Norris.)

O Dr. Richard St. John Lyon confirma esta narrativa.

Caso 23 – Este foi colhido por F. W. Myers. Sendo substancialmente diferente dos outros, apresenta com o último a analogia de uma predição de morte, feita por meio da aparição de um defunto.

“Lloyd Ellis apresentava já sintomas de moléstia do peito, por ocasião da morte de seu pai, não, porém, a ponto de fazer prever um desfecho fatal próximo. Entretanto, sua saúde começou a declinar rapidamente para o fim do ano e,

no mês de janeiro de 1870, já estava reduzido à última extremidade.

Uma noite, depois de se haver deitado durante algum tempo, em estado aparente de meia sonolência (era uma segunda-feira, ao que me recorde), acordou e perguntou repentinamente à sua mãe:

– Onde foi papai?

Ela lhe respondeu chorando:

– Meu filho, tu bem sabes que ele não vive mais, que está morto há mais de um ano.

– É verdade... – murmurou o filho – no entanto ele estava aqui há pouco, veio marcar um encontro comigo para as 3 horas, quarta-feira próxima.

Às 3 horas da manhã, na quarta-feira seguinte, o pobre Lloyd Ellis dava o último suspiro.” (*Journal of the American S. P. R.*, vol. III, pág. 359.)

*

Acabo esta primeira categoria de casos citando um episódio que pode ser considerado como excepcional, por causa da duração absolutamente inabitual das visões e das conversações no leito de morte. Ele merece, sob este ponto de vista, ser examinado à parte.

Caso 24 – Foi tomado do *Journal of the American S. P. R.* (1919, págs. 375-391). É a história comovente de uma menina doente que, em seus três últimos dias de vida, vê o irmãozinho falecido e outras entidades espirituais e conversa com eles, do mesmo passo que percebe visões fugitivas do Além.

Infelizmente, a narrativa ocupa 17 páginas do *Journal*. Dever-me-ei, pois, limitar a algumas citações.

O pai da menina era o Rev. David Anderson Dryden, missionário da Igreja Metodista; foi sua mulher quem guardou o que disse a criança no curso de seus últimos dias de vida. Por morte da senhora, as notas tomadas por ela foram publicadas numa

brochura, a fim de que pudessem levar o conforto a alguma alma duvidosa e sofredora.

A criança chamava-se Daisy; nascera em Marysville (Califórnia), a 9 de setembro de 1854; morreu em S. José da Califórnia, a 8 de outubro de 1864. Tinha, pois, 10 anos de idade.

O Rev. F. L. Higgings, na Introdução da referida brochura, observa:

“O que é muito notável no caso de Daisy é a duração inabitual e, portanto, a lucidez extraordinária de suas visões e revelações. Ela teve tempo de familiarizar-se com as maravilhas que via e ouvia.”

Tendo caído doente com febre tífica, teve o pressentimento de seu fim, apesar do prognóstico favorável de seus médicos. Três dias antes de sua morte tornou-se clarividente. Os que com ela conviviam notaram-no pela primeira vez, depois de uma citação da Bíblia, feita por seu pai; esta citação levou a enferma a observar que “ela esperava voltar algumas vezes para os consolar”.

“– Pedirei a Alie, se for possível” – acrescentou.

Alie era seu irmãozinho, morto 7 meses antes, de escarlatina.

Depois de algum tempo disse mais:

“– Alie declarou que é possível e que eu poderei vir algumas vezes, mas que vocês não saberão que estou presente; poderei, no entanto, conversar com os seus pensamentos.”

Extraio esta passagem das notas tomadas pela mãe:

“Dois dias antes de Daisy nos deixar, o diretor da escola veio visitá-la. Ela lhe falou desembaraçadamente de sua próxima partida e enviou um extremo adeus a suas companheiras.

Antes de se ir embora, o diretor dirigiu à doente uma frase bíblica um tanto obscura:

– Minha boa Daisy, estás próxima a atravessar o grande rio tenebroso.

Quando o diretor partiu, a menina perguntou ao pai o que queria ele dizer pelas palavras “o grande rio tenebroso”.

O pai procurou dar-lhe a significação; ela, porém, explicou:

– Que erro! Não há rio a passar a vau; nada de cortinas de separação; não há mesmo linha de distinção entre esta vida e a outra.

Estendeu sua mãozinha por fora das roupas, dizendo com um sinal apropriado:

– O Além é o Aquém; eu sei bem que é assim, porque eu vejo a vocês ao mesmo tempo em que vejo os Espíritos.

Pedimos que nos informasse sobre o Além; ela observou, então:

– Não posso descrevê-lo; é muito diferente do nosso mundo e eu não chegarei a fazer-me compreender.

Enquanto eu estava sentada ao lado de sua cama, ela apertava minhas mãos e, encarando em mim, me disse:

– Querida mamãe, eu queria que pudesse ver Alie, que se acha perto de ti.

Olhei em torno de mim, instintivamente, e Daisy continuou:

– Ele diz que tu não podes vê-lo porque os teus olhos espirituais estão fechados e que eu o posso, porque o meu Espírito está ligado ao corpo por um muito fraco fio de vida.

Perguntei, então:

– Ele to disse neste momento?

– Sim, neste momento.

Observei:

– Daisy, que fazes para conversar com ele? Eu não os ouço falar e tu não moves os lábios.

Ela sorriu, dizendo:

– Conversamos com o pensamento.

Perguntei, então?

– De que forma nosso Alie te aparece; tu o vês vestido?

E ela:

– Oh, não; ele não está precisamente vestido como nós; podia-se dizer que tem o corpo envolvido em alguma coisa de muito branco, o que é maravilhoso. Se tu visses como é delicado, leve, resplandecente esse manto! E como é branco! Entretanto, nele não se vêem dobras nem sinal de costura, o que prova que não é uma vestimenta. Como quer que seja, vai-lhe tão bem!

Seu pai citou-lhe o seguinte versículo dos salmos:

– Ele está vestido de luz!

– Sim, sim, é verdadeiramente assim – respondeu ela.

Daisy gostava muito que sua irmã Loulou cantasse para que ela ouvisse, sobretudo pedaços tirados do livro dos hinos religiosos. Em certo momento, quando Loulou cantava um hino no qual se falava de anjos alados, Daisy exclamou:

– Ó Loulou, não é estranho? Tínhamos sempre pensado que os anjos possuíam asas; mas é um erro, eles não a têm, absolutamente.

Loulou notou:

– Mas é preciso que eles a tenham para poderem voar para o céu.

Ao que Daisy replicou:

– Eles não voam, transportam-se. Vês tu, quando eu penso em Alie, ele o sente e vem logo.

Outra vez perguntei:

– Que fazes para ver os anjos?

A enferma respondeu:

– Eu não os vejo sempre, mas quando os percebo, é como se as paredes do quarto desaparecessem e minha visão chegasse a uma distância infinita; os Espíritos que vejo, então, são inumeráveis. Há uns que se aproximam de mim; são os que conheci em vida; os outros nunca vi.

Na manhã do dia do seu trespasse, pediu-me que lhe desse um espelho; hesitei, temendo que ficasse impressionada pelo aspecto do rosto descarnado.

Mas o pai disse:

– Deixe que ela contemple suas pobres feições, se o desejar.

Estendi-lhe o espelho e ela olhou muito tempo sua imagem, com expressão triste, mas calma. E disse em seguida:

– Meu corpo está gasto para sempre; parece a roupa velha de mamãe, presa no cabide. Ela não a veste mais e eu não tardarei a despir a minha vestimenta. Mas eu possuo um corpo espiritual que a substituirá; tenho-o, mesmo, já comigo; é com os olhos espirituais que eu vejo o mundo espiritual, se bem que meu corpo terrestre esteja ainda ligado ao espírito. Depositem meu corpo no túmulo, porque eu não terei mais necessidade dele; foi ele feito para a vida daqui da Terra; esta está terminada; é natural que o ponham de lado. Mas revestirei outro corpo, bem mais bonito, e semelhante ao de Alie. Mamãe, não chore; se eu vou cedo, é em meu benefício. Se eu crescesse, talvez me tivesse tornado uma mulher má, como sucede a tantas outras e só Deus sabe o que nos convém.

Pediu, em seguida:

– Mamãe, abre-me a janela; desejo contemplar, pela última vez, meu belo mundo. Antes que apareça a aurora de amanhã, não estarei mais viva.

Satisfiz o seu desejo e, voltando-se para o pai, disse ela então:

– Papai, levanta-me um pouco.

E, sustentada pelo pai, olhou através da janela aberta, exclamando:

– Adeus, meu belo céu! Adeus minhas árvores! Adeus flores! Adeus, rosazinhas gentis! Adeus, pequenas e vermelhas rosas silvestres! Adeus, adeus, meu belo mundo. – E

acrescentou: – Eu o amo muito ainda! E, entretanto, não de-
sejo ficar.

Nessa noite mesmo, às 8 horas e meia, olhou o pêndulo e
declarou:

– São 8 e meia; quando soarem 11 e meia, Alie virá bus-
car-me. Papai, é assim que eu queria morrer! Quando a hora
chegar, eu te prevenirei.

Às 11 horas e um quarto disse:

– Papai, levanta-me; Alie veio buscar-me.

E posta na posição que desejava, pediu que cantassem.
Alguém lembrou:

– Vamos chamar Loulou.

Ao que Daisy observou:

– Não; não a perturbem; ela dorme.

E então, justamente no momento em que os ponteiros
marcavam 11 horas e meia – a hora pressagiada para a par-
tida –, ela estendeu os braços ao alto, dizendo:

– Eu vou, Alie – e deixou de respirar.

Seu pai recolocou no leito o corpezinho inanimado, bal-
buciando:

– Nossa querida filha partiu; cessou de sofrer.

Um silêncio solene reinava no quarto, mas ninguém cho-
rava. Por que chorar? Devemos, pelo contrário, agradecer
ao Pai Supremo pelos ensinamentos que nos aprovou dar, por in-
termédio de uma criança, nesses três dias consagrados à
glória dos céus.

E enquanto se contemplava a figura da pequena morta, ti-
nha-se a impressão de que o aposento estava cheio de anjos
vindos para confortar-nos. Uma paz muito doce descia so-
bre nossos espíritos, como se os anjos repetissem:

– Ela não está aí, ela ressuscitou!”

O Professor Hyslop entrou em relação, por correspondência,
com a irmã da pequena vidente, Mme. Loulou Dryden, que

confirmou a veracidade escrupulosa dos fatos expostos no jornal de sua mãe e o autorizou a reimprimi-los em sua revista.

Lamento não poder reproduzir por inteiro a narrativa.

Nesse episódio, além da prolongação excepcional das visões supranormais, com ausência completa de delírio até o último momento, é preciso notar a circunstância de que as observações da vidente, no mundo espiritual, concordam admiravelmente com a Doutrina Espírita – e tudo isso por intermédio de uma criança absolutamente ignorante da existência dessa doutrina.

Quem tal lhe sugeriu?

Certamente que não foram os pais, por meio de transmissão de pensamentos, pois que eles ignoravam, tanto quanto a filha, as doutrinas espíritas que, em 1864, apenas desabrochavam.

Que fazia, pois, para conceber, só, tantas verdades transcendentais, diametralmente opostas às que aprendeu com a religião paterna?

Como podia, espontaneamente, formular concepções profundas, tais como as implicadas na afirmativa que o Além é o Aquém? Que não há linha de demarcação entre a morada dos homens e a dos Espíritos? Que estes últimos conversam entre si pelo pensamento? Que percebem o pensamento telepaticamente, que os vivos se voltam para eles e eles acodem logo, sem limite de distância? Que os Espíritos não voam, mas se transportam? Que os defuntos retornam para ver as pessoas que amam, mas que sua presença é geralmente ignorada, posto que conversem com o pensamento (ou subconsciência)? Que o homem possui um corpo espiritual (ou perispírito)? Que o mundo espiritual é de tal forma diferente do nosso, que não é possível descrevê-lo, porque não se chegaria a compreender.

Convenhamos francamente que, em tudo isso, as hipóteses alucinatórias, auto-sugestivas e telepáticas nada têm que fazer.

Segue-se que as visões da pequena Daisy não podem ser explicadas senão admitindo que a vidente formulava suas observações sobre a base de dados possuindo certa objetividade e que transmitia as explicações que lhe eram comunicadas por um terceiro, conforme, aliás, o que afirmava.

Sobre esse assunto parecem bastante curiosos os esforços de dialética do Rev. Higgings para distinguir os fenômenos produzidos no leito da pequena Daisy Dryden dos do Moderno Espiritualismo, a fim de provar que somente os primeiros são conformes aos ensinos da Escritura santa e que, portanto, devem somente eles ser encarados como revelação divina.

Nota o reverendo:

“A criança não era de nenhum modo médium espírita, como o não eram Moisés ou S. João, que também ditaram Livros de Revelações. Nenhum Espírito tomou posse de seu corpo, um único instante, nem falou por sua boca. Ao contrário, graças a uma concessão de Deus, os sentidos espirituais foram-lhe abertos, a fim de que, nos últimos dias de sua existência, pudesse gozar o espetáculo do mundo espiritual, sem deixar de estar ligada ao corpo; prova-o o fato, notado já pelo doutor, de que ela levou três dias para morrer.”

Inútil fazer notar que as observações do Rev. Higgings apenas provam que são muito vagos os conhecimentos que tem ele da doutrina que combatia.

A verdade é bem esta: se eliminarmos a hipótese alucinatória, as visões da pequena Daisy aparecem nítida e classicamente espíritas.

Segunda categoria

Casos nos quais as aparições de defuntos são ainda percebidas unicamente pelo doente, mas se referem a pessoas cuja morte era por ele ignorada.

Os fatos pertencentes a esta categoria dividem-se em duas classes distintas. A primeira compreende aqueles nos quais os assistentes estavam informados da morte da pessoa, que se teria manifestado subjetivamente ao enfermo, ignorando este o fato. A segunda se relaciona com os casos em que o percipiente e os assistentes ignoravam igualmente o fato em questão.

Tanto numa como noutra circunstância, pode-se chegar ainda a explicar os mesmos fatos pela hipótese alucinatória combinada com a telepática.

No primeiro caso bastará supor um fenômeno de transmissão telepática inconsciente da parte dos assistentes; no segundo dever-se-á recorrer à transmissão telepática a distância.

Fico por aqui, por enquanto, reservando-me para explicar, na síntese conclusiva deste estudo, por que razões a hipótese alucinatório-telepática não parece satisfatória na maior parte dos acontecimentos.

Começo por quatro exemplos, concernentes aos primeiros dos dois grupos.

Caso 25 – O Dr. E. H. Plumbtre (eclesiástico Primaz de Well) escreve nestes termos, na revista *The Spectator* de 26 de agosto de 1882:

“Lagniez, 10 de junho.

Em abril de 1854, a mãe de um dos maiores pensadores e teólogos de nosso tempo estava em seu leito mortuário e se achava desde alguns dias em condições de inconsciência quase total. Mas, alguns momentos antes de morrer, agitou os lábios e chegou a murmurar distintamente:

– Aqui está William, aqui está Elisabet, aqui está Ema e Ana.

Em seguida, após uma pausa:

– Aqui está também Priscila!

William era um de seus filhos, morto na primeira infância e cujo nome não aparecia nos lábios maternos havia vários anos; quanto a Priscila, morrera esta dois anos antes; mas a notícia do triste acontecimento, posto que conhecido da família, era ignorado da doente.”

Caso 26 – Este fato foi recolhido pelo Rev. C. J. Taylor, membro da *Society for Psychological Research*:

“Dois de novembro de 1885.

Nos dias 2 e 3 de novembro de 1870, tive a desdita de perder meus dois primeiros filhos: David Edwards e Harry. Uma epidemia de escarlatina mos arrebatou.

Um deles tinha 3 anos de idade e o outro 4. Harry morreu em Abbot’s Langley, a 2 de novembro, a 14 milhas de distância de meu vicariato de Apsley. David expirou no dia seguinte, no próprio vicariato.

Cerca de uma hora antes do trespasse, assentara-se este no leito e, indicando alguma coisa invisível, aos pés da cama, exclamou:

– O meu irmãozinho Harry me chama.

Disseram-me, em seguida, que a criança acrescentara:

– Ele tem uma coroa na cabeça.

Não me lembro destas últimas palavras. É preciso, no entanto, dizer que minha dor, meu cansaço eram tais, que é perfeitamente possível que elas me tenham escapado. Mas estou perfeitamente certo da autenticidade da primeira frase, que foi ouvida também pela ama da criança.” (Assinado: X. Z... Vigário de H.)

Nas cartas e numa palestra que teve com Podmore, Taylor aduziu os seguintes pormenores:

“O Rev. Z... assegura-me que houve o cuidado de impedir que David chegasse a conhecer a morte do irmão Harry, e que está convencido que David a ignorava. O próprio Sr. Z... estava

presente e ouviu as palavras da criança. Esta não delirava na ocasião.” (Charles Taylor, nos *Proceedings of the S. P. R.*, volume V, pág. 459.)

Caso 27 – Este outro caso foi comunicado à *Society for Psychological Research* pelo Rev. J. T. Macdonald, que o teve de primeira mão de Miss Ogle, irmã do percipiente:

“Manchester, 9 de novembro de 1884.

Meu irmão John Alkin Ogle morreu em Leeds, a 17 de julho de 1879; uma hora pouco mais ou menos antes de morrer, teve a visão do irmão, falecido 16 anos antes; parecia que o encarava com expressão de profunda surpresa e exclamou:

– Joe! Joe!

Imediatamente depois, com sinais de espanto ainda mais vivos, disse:

– Tu, Georges Hanley!

A essas palavras, minha mãe que tinha chegado de Melbourne, cidade situada a 40 milhas de Leeds, e onde habitava Hanley, ficou excessivamente admirada.

– Como é interessante – notara ela – que ele veja Georges, que morreu há 10 dias!

Em seguida, dirigindo-se à minha cunhada, perguntou se o doente havia sido informado a respeito – obtendo resposta negativa.

Verificou-se que minha mãe era a única pessoa presente conhecedora do fato.” (Assinado: Harriet H. Ogle.)

Respondendo às perguntas que lhe haviam sido feitas sobre o assunto, Miss Ogle escreveu mais tarde à *Society for Psychological Research*:

“Meu irmão John Alkin Ogle não estava em delírio e tinha o uso pleno da razão quando pronunciou as palavras que narrei. Georges Hanley era para ele um simples conhecimento e não um amigo íntimo. Nunca se houvera falado

diante dele da morte de Hanley.” (*Proceedings of the S. P. R.*, vol. V, pág. 460.)

Caso 28 – Em uma cidade situada nos arredores de Boston, achava-se moribunda uma menina de 9 anos. Ela acabava de entreter-se com os pais sobre quais os objetos que desejava deixar a esta ou àquela de suas amiguinhas. Entre as mesmas havia uma graciosa criança de sua idade, chamada Jeni, e a agonizante lhe havia legado também alguns de seus brinquedos, a título de lembrança.

Pouco tempo depois, ao aproximar-se a hora da agonia, começou a pequena a declarar que percebia em torno de si rostos de pessoas amigas, as quais ia nomeando. Anunciou ver, entre outros, o avô e a avó; depois do que, manifestando viva surpresa, dirigiu-se a seu pai, perguntando:

“Por que não me disseste que Jeni tinha morrido? Ei-la, a minha Jeni, ela veio com as outras para receber-me.”

É de notar que a criança moribunda ignorava completamente o que se relacionava com a amiguinha, porque os pais evitaram cuidadosamente falar a respeito, em sua presença, a fim de lhe não provocarem emoções, que podiam ser funestas. Mas a pequena Jeni tinha morrido, efetivamente, havia pouco.

Tal é o fato. Parece-me que ele contém um elemento de natureza não comum e persuasiva. Com efeito, se é possível compreender-se que a menina pudesse imaginar que via seus avós, não havia, no entanto, nenhuma razão para que supusesse ver também Jeni. A circunstância, aliás, de ter-lhe destinado lembranças, a surpresa experimentada e as palavras que então pronunciara, provam que tudo isso não pode ser facilmente explicado por meio das hipóteses habituais.” (Reverendo Minot Savage, *Can Telepathy Explain?*, págs. 42, 43.)

*

Passo agora a relatar um caso que corresponde à segunda das classes de que falei. Os casos desta espécie são excessivamente raros. Com efeito, como muito bem o notou Mistress Sidgwick, se fosse possível recolher-lhes um número suficiente, teria dado,

por isso mesmo, grande passo, a demonstração científica da existência objetiva das aparições dos defuntos. (*Proceedings*, vol. III, pág. 93.)

Mas não chegamos ainda lá e a Ciência vê-se limitada à análise dos raros casos conhecidos, com os juízos inspirados na maior reserva, isto é, conservando-se afastada de qualquer apreciação sentimental ou mística.

Por conseqüência, se se encontrassem outras hipóteses muito menos ousadas, por meio das quais se chegasse a dar a interpretação dos fatos, aí devia parar, imediatamente, toda a especulação científica.

Tal parece, justamente, acontecer com a hipótese telepática, posto que seja necessário o admitir-se que, nessas circunstâncias, é atingido, verdadeiramente, o limite extremo em que a telepatia cessa de ter um caráter baseado na experiência, para tornar-se exclusivamente indutiva, ou, antes, facultativa.

Caso 29 – Este primeiro exemplo apresenta fraco valor científico, pois que a circunstância essencial exigida para esse grupo de casos, isto é, que os assistentes ignorem a morte da pessoa aparecida ao enfermo, não constitui mais que uma probabilidade; de fato, o inquérito a respeito deste caso ficará incompleto, por causa da recusa oposta pela genitora da morta em fornecer os esclarecimentos, por motivo de prevenções religiosas.

Extraio a narrativa do *Journal of the American S. P. R.* (1918, nº 590).

O Prof. Hyslop a precede com estas considerações:

“O caso seguinte seria muito importante, porque a criança percipiente não sabia que sua professora tivesse falecido; por infelicidade, a mãe, irracionalmente, recusou-se a expor os fatos.

A condição de espírito das pessoas religiosas sobre este tema é incompreensível, a menos que se não deduza que elas consideram o problema da sobrevivência dum ponto de vista inteiramente egoísta. A decisão irreduzível de não ajudar os outros a entrar em sua ordem de idéias tende a con-

firmar o juízo crítico de que, de uma parte, a crença não é confirmada por provas e, de outra, que os crentes apenas mostram um interesse egoísta pela vida futura.

E, muitas vezes, estas observações são fundadas. Nas circunstâncias presentes temos a confirmação dos fatos por parte de outra testemunha.”

Colho as passagens seguintes das cartas em que o caso é narrado pelo Dr. H. L. Coleman ao Prof. Hyslop.

“Desejar-lhe-ia falar de estranho fato que se produziu na família de meus primos, moradores em Gresly, no Colorado. Eles tiveram a infelicidade de perder um filho e este, um pouco antes de morrer, disse à sua mãe que via no quarto aquela que fora sua professora.

Asseguraram-me que a criança estava em plena posse das faculdades mentais. O lado estranho do fato consiste em que a professora tinha morrido uma hora antes. Ninguém poderia ter-lhe previsto a morte e a criança não o sabia de forma alguma. Da mesma maneira, não o sabiam, ao que parece, os assistentes.

Se eu chegasse a obter uma boa confirmação do fato, não se revestiria ele de valor científico?”

Infelizmente o Dr. Coleman não chegou a obter as confirmações desejadas e apenas pôde exhibir o testemunho de outra prima, que tinha conversado a respeito do fato com a mãe da criança falecida.

Conta ela:

“A criança tinha 8 anos; parecia exuberante de vida e era a favorita da mestra. Esta ainda foi buscá-la um dia antes de falecer.

O pequeno ignorava absolutamente que a professora tivesse morrido e, pouco antes de finar-se, a viu com as vestes com que a haviam posto no caixão. Falava-lhe como em monólogo...”

Caso 30 – Tiro-o do vol. XXX, pág. 32 dos *Proceedings of the S. P. R.*

Foi comunicado à Sociedade por um coronel irlandês.

Como o principal papel deste acontecimento foi representado pela própria mulher do coronel, compreende-se que este deseje que se lhes não publiquem os nomes.

“Há cerca de 16 anos, Mrs. ... me disse:

– Teremos hóspedes durante toda a próxima semana. Conheces alguém que possa cantar com as nossas filhas?

Lembrei-me de que meu armeiro – M. X. – tinha uma filha, cuja voz era muito bela e estudava o canto com fim profissional. Eu a indiquei, pois, e ofereci-me a escrever a X... a fim de lhe pedir que permitisse à sua filha vir passar uma semana conosco.

Assim foi decidido. Escrevi ao armeiro e Miss Júlia X... foi nossa hóspede durante o tempo fixado.

Eu não sei se Mrs. ... tornou a vê-la depois. Quanto a Miss Júlia, em vez de se consagrar à arte do canto, esposou mais tarde Henry Webley. Nenhum de nós teve mais ocasião de revê-la.

Seis ou sete anos se passaram. Mrs. ..., que estava doente havia alguns meses, teve sua doença agravada e expirou no dia seguinte àquele de que vos vou falar.

Eu estava assentado ao seu lado; conversávamos acerca de certos interesses que ela desejava vivamente regular. Parecia perfeitamente calma e resignada, em plena posse de suas faculdades intelectuais; isso ficou demonstrado mais tarde, por se haver verificado a justeza de sua opinião, em contrário aos conselhos errôneos de nosso advogado, que julgava inútil certa medida sugerida pela doente.

Repentinamente, ela mudou de conversa e, dirigindo-se a mim, perguntou:

– Notas essas doces vozes que cantam?

Respondi que nada ouvia e a enferma acrescentou:

– Já as tenho percebido muitas vezes, hoje. Não duvido que sejam anjos que vêm desejar-me as boas-vindas para o céu. O que é estranho é que, entre essas vozes, há uma que estou certa de conhecer, mas não me posso lembrar donde.

E, de repente, interrompendo-se e indicando um ponto sobre minha cabeça:

– Olha, ela está no canto do quarto; é Júlia X...; agora se dirige para cá, inclina-se sobre ti, eleva as mãos, orando. Olha, já se vai...

Voltei-me, porém não vi nada.

Mrs. ... disse ainda:

– Partiu, agora.

Afigurou-se-me que suas afirmativas não eram outra coisa mais que as imaginações de um moribundo.

Dois dias depois, percorrendo um número do *Times*, sucedeu-me ler, no necrológio, o nome de Júlia Z..., mulher do Sr. Webley.

Isso me impressionou tão vivamente que, logo após as exéquias de minha mulher, fui a ..., onde procurei X..., e lhe perguntei se a Sra. Júlia Webley, sua filha, era realmente morta.

– É absolutamente certo; morreu de febre puerperal. No dia em que faleceu cantou de manhã, cantou e cantou até que se finou.”

Em ulterior comunicação, acrescentou o coronel:

“Mrs. Júlia Webley morreu a 2 de fevereiro de 1884, cerca de 4 horas da tarde. Eu havia lido a notícia da morte da Sra. Júlia a 14 de fevereiro.”

Mrs. ... nunca foi sujeita a alucinações de qualquer espécie.”

Por seu turno, Henry Webley, marido de Júlia, escreveu a Gurney:

“Birmingham, Wenman Street, 84, 18 de maio de 1885.

Respondo de bom grado à vossa carta, fornecendo-vos as informações que me pedistes. Minha mulher morreu a 2 de fevereiro de 1884, às 5:50 da manhã.

Durante as últimas horas de vida cantou sem cessar. Isso foi 10 minutos antes de morrer. Posto que sua voz tivesse sido sempre bela, nunca me pareceu ela tão deliciosa como nesse momento supremo.” (Assinado: Henry Webley.)

Tal é o fato que farei seguir de algumas palavras de comentário. Não me afastarei, mesmo agora, da teoria telepática, considerada em suas modalidades múltiplas de manifestação.

Se afastarmos a hipótese da transmissão subconsciente do pensamento dos assistentes, visto que nenhum deles tinha conhecimento da morte de D. Júlia Webley; se afastarmos a outra hipótese da transmissão telepática direta entre o agente e o percipiente, visto que a morte da Sra. Webley se dera mais de onze dias antes da morte da percipiente, restam duas outras modalidades de manifestação telepática, para forçar a explicação dos fatos.

Segundo uma dessas suposições, dever-se-ia procurar a fonte do impulso telepático gerador do fenômeno alucinatório no pensamento subconsciente do marido ou do pai de Mme. Webley, ou de outra pessoa qualquer que tivesse tido conhecimento da morte dessa senhora.

Tudo bem calculado, essa hipótese parece, entretanto, muito improvável, posto que não possa ser afastada de todo.

Primeiro, a percipiente não conhecia nem o pai, nem o marido nem nenhuma outra das relações da Sra. Webley; faltava, pois, um dos elementos principais e constantes de todo fenômeno telepático: o da existência de relações simpáticas entre o agente e o percipiente.

Em segundo lugar, sabe-se que, na quase totalidade dos fenômenos telepáticos espontâneos, o agente transmite ao percipiente a visão alucinatória de sua própria pessoa, e não a de outra, como sucedeu no episódio que acabamos de narrar.

Enfim, este caso contém outra circunstância bastante difícil de explicar pela hipótese da transmissão telepática colateral: a da audição alucinatória de um canto coral, no qual se distingue uma voz familiar à percipiente, percepção muito clara e muito prolongada para que seja possível atribuí-la seriamente a efeito do pensamento subconsciente de terceira pessoa.

Posto que estas três objeções não tenham importância decisiva, possuem, no entanto, certo valor, pelo fato da extrema raridade dos casos nos quais a telepatia se afasta das modalidades habituais de manifestação – o que torna muito improvável que as três formas insólitas, em apreço, se encontrem reunidas em um só episódio.

A última circunstância episódica que citamos, sugere, antes, uma outra modalidade telepática que parece melhor aplicável ao caso vertente: a que se chama *telepatia diferida*. Segundo esta hipótese, dever-se-ia supor que o episódio do canto, que se efetuara no delírio febril da Sra. Webley, tinha sido percebido telepaticamente, posto que subconsciente, pelo Sr. ..., no momento em que esse canto se produzia; que havia ficado em estado latente na sua subconsciência até o momento em que as condições de hiperestesia e hipermnésia pré-agônica determinaram sua irrupção no domínio da consciência normal.

Somente, ser-nos-ia preciso observar que, logo que pensamos em estender o alcance desta hipótese além do intervalo de algumas horas, entre a morte do agente e a visão do percipiente, ela começa a tornar-se uma suposição puramente gratuita, visto que não é apoiada pela menor prova.

Entretanto, ela se apresenta como a única hipótese capaz de reunir em si e de explicar de qualquer maneira o conjunto desse acontecimento.

É preciso, pois, que nos firmemos aí, se não quisermos ser forçados a recorrer à hipótese espírita.

Terceira categoria

Casos nos quais outras pessoas, coletivamente com o moribundo, percebem o mesmo fantasma de defunto.

Esse grupo de casos, com percepção coletiva do mesmo fantasma, apresenta um grande interesse teórico, embora possamos vir ainda a explicar os fatos pela hipótese da transmissão telepática do pensamento, a menos que nos encontremos em face de alguma circunstância especial.

Com efeito, a coincidência da aparição vista por terceiras pessoas, coletivamente com o moribundo, nos casos de visualidade simultânea, pode atribuir-se a ter este último servido de agente transmissor de uma forma alucinatória elaborada em seu cérebro. Se, ao contrário, o fantasma é percebido pelos assistentes e pelo moribundo, em momentos e em lugares diferentes, o caso, então, atinge grande significação teórica no sentido de sua interpretação espírita.

Aliás, num caso como noutro, chegamos raramente a conclusões decisivas, porque nunca é possível certificarmo-nos de que os fantasmas sejam completamente independentes da mentalidade do moribundo; e não nos aproximamos da demonstração requerida senão nas circunstâncias seguintes:

Em primeiro lugar, quando os assistentes percebem a aparição no momento em que o doente se encontra no estado de coma, o qual exclui toda e qualquer elaboração do seu pensamento; em segundo lugar, quando o moribundo é criança de tenra idade, circunstância que, na maior parte dos casos, exclui a possibilidade de que o seu pensamento tenha podido servir de agente transmissor de alucinações telepáticas aos assistentes.

Citarei mais adiante um exemplo que se aproxima da prova ideal desejada, por causa das condições comatosas do moribundo (Caso 33); e, em seguida, outros casos interessantes, pela tenra idade da criança agonizante (casos 35, 39, 40), aos quais se devem juntar os que já citamos.

Caso 31 – Começo por um episódio em que há simultaneidade de percepções entre o doente e aquele que o assiste, posto que as percepções de um e outro difiram entre si.

Extraio-o do *Journal of the American S. P. R.* (1918, nº 503).

A Sra. Laura C. Homers escreve:

“O Sr. Quimby ficou de cama cerca de três semanas e durante os dezesseis últimos dias não tomou nem alimentos nem remédios. Na segunda semana de sua doença, pelas 11 horas da noite, vi ao lado do leito uma espécie de nebulosidade um tanto opaca, localizada entre o doente e eu, com a forma de uma grande beterraba, de ponta para baixo, tendo o comprimento aproximado de pé e meio e talvez outro tanto de largura.

O todo estava a 3 ou 4 pés do chão.

Minha primeira idéia foi que se tratasse de alguma fumaça, mas o fenômeno se apresentava muito opaco e imóvel. Além disso, do ponto em que me achava, podia ver os outros quartos e não percebia fumo em nenhum deles.

Ficou parada no mesmo ponto durante um período bastante longo e eu não poderia dizer como desapareceu. Quando não a vi mais, contei o curioso caso ao doente, que respondeu:

– Eu senti que minha mãe estava a meu lado; agora o sei.”

Caso 32

“No mês de novembro de 1864, fui chamado a Brighton, onde minha tia, a Sra. Harriet Pearson, estava gravemente doente.

Seu quarto tinha três janelas e estava colocado acima da sala. Eu dormia com Mme. Coppinger no quarto ao lado.

Usualmente, uma de nós passava a noite à cabeceira da enferma.

Na noite de 22 de dezembro de 1864 ela era, porém, velada pela Sra. J. Pearson, enquanto nós repousávamos.

Em todos os lugares havia luz e a porta que dava para o quarto da doente estava aberta. Entre 1 e 2 horas da madrugada, ocasião em que a Sra. Coppinger e eu estávamos acordadas, porque o nosso estado de ansiedade fazia que percebêssemos o menor ruído proveniente do outro quarto, produziu-se um incidente que muito nos impressionou.

Percebemos, ambas, uma figura de mulher, pequena, envolvida em um xale, com um chapéu fora da moda e uma cabeleira ornada com três fileiras de cachos; a aparição tinha atravessado a soleira da porta que separava os dois quartos e entrara no da doente.

A Sra. Coppinger, dirigindo-se a mim, exclamou:

– Ema, viste? Levanta-te, é tua tia Ana! (Ana era uma irmã da doente, já falecida.)

Respondi logo:

– Sim, sim, era a tia Ana e isso é um bem triste presságio.

Descemos ambas da cama; nesse momento, a Sra. John Pearson precipitou-se para o nosso quarto, dizendo por sua vez:

– Era bem a tia Ana; para onde ela foi?

A fim de acalmá-la, lhe disse:

– Provavelmente devia ter sido Elisa, que desceu para ver como vai sua patroa.

Ouvindo isto, Mrs. Coppinger subiu, correndo, ao andar superior, onde encontro Elisa dormindo profundamente. Ela a acordou e fê-la vestir-se. Pesquisou-se em todos os quartos, mas em vão.

A tia Harriet morreu na noite desse mesmo dia, tendo-nos contado antes haver visto a irmã, que viera chamá-la.” (Assinado: Ema M. Pearson, Elisa Quinton – *Proceedings of the S. P. R.*, vol. VI, pág. 21.)

Caso 33 – Este foi comunicado à *Society for P. R.*, pelo Professor W. C. Crosby, um de seus membros:

“Mrs. Caroline Rogers, com 72 anos de idade, viúva de dois maridos – cujo primeiro, o Sr. Tisdale, morrera 35 anos antes –, viveu, durante os últimos 25 anos de sua existência em Roslindale (Mass., Estados Unidos), na Rua Ashland.

Depois da morte do seu último filho, que se deu há alguns anos, ela vivia constantemente só. Nos primeiros dias de março deste ano foi atacada de paralisia e, após uma doença de cerca de seis semanas, expirou na tarde de 15 de abril.

Mary Wilson, enfermeira, de 45 anos, assistiu a Sra. Rogers durante toda sua moléstia e ficou, quase sem interrupção, à sua cabeceira, até que ela expirou.

Nunca, antes dessa época, tinha visto a Sra. Rogers e ignorava o que dizia respeito à sua existência ulterior. A doente conversava freqüentemente com ela, bem como com outras pessoas, sobre o seu segundo marido, o Sr. Rogers, e sobre o filho, exprimindo a esperança de revê-los um dia.

Na tarde de 14 de abril, Mrs. Rogers caiu em estado de inconsciência, no qual ficou até a morte, que sobreveio 24 horas depois.

A Sra. Wilson sentia-se esgotada pelas vigílias prolongadas; e como esperasse assistir, de um momento para outro, ao passamento da enferma, estava naturalmente nervosa e inquieta, tanto mais quanto Mrs. Rogers lhe tinha dito que havia percebido, muitas vezes, em torno de si, os fantasmas dos seus mortos queridos. Ela experimentava, ao mesmo temp, estranha sensação, como se aguardasse uma visita de além-túmulo.

Entre as 2 e 3 da manhã – quando sua filha dormia, e estando ela própria estendida, acordada, no canapé – a Sra. Wilson voltou, por acaso, o olhar para a porta que comunicava com o outro quarto; e percebeu, nos umbrais, a figura de um homem de talhe médio, com aspecto feliz, tendo largas espáduas, que trazia um pouco inclinadas para trás.

A cabeça estava descoberta; os cabelos e a barba eram-lhe de cor vermelha carregada; trazia um sobretudo escuro e desabotoado; tinha a expressão do rosto, nem muito áspera nem muito amável.

Parecia olhar, ora para a Sra. Wilson, ora para a Sra. Rogers, ficando em imobilidade absoluta.

A Sra. Wilson acreditou, naturalmente, achar-se em presença de uma pessoa viva, sem que pudesse descobrir, no entanto, como poderia ela ter entrado na casa.

Vendo, em seguida, que o visitante continuava imóvel como uma estátua, começou a suspeitar que se tratasse de algo anormal; inquieta, voltou a cabeça para outro lado, chamando a filha em altas vozes, a fim de acordá-la. Algum tempo depois, começou a olhar na primitiva direção, mas tudo havia desaparecido.

Tanto a aparição como a desapareção do fantasma se tinham produzido sem ruído.

Durante esse tempo, a Sra. Rogers ficara absolutamente tranqüila, provavelmente mergulhada no mesmo estado de inconsciência no qual se encontrava havia muitas horas.

O quarto para o qual a porta dava acesso não estava iluminado; a Sra. Wilson não pôde, pois, verificar se a aparição era transparente. Ela foi, instantes depois, a esse quarto, e ao outro do apartamento; logo que o dia rompeu, desceu ao andar inferior e encontrou todas as portas fechadas a chave; tudo estava em seu lugar.

Nessa mesma manhã, a Sra. Hildreth, sobrinha da enferma, que morava não longe daí e que vivia, desde alguns anos, em grande familiaridade com a tia, foi visitá-la. A Sra. Wilson aproveitou para fazer-lhe a narrativa do que se tinha passado, perguntando-lhe se a aparição que houvera visto parecia-se com a do defunto Sr. Rogers.

A Sra. Hildreth respondeu negativamente (outras pessoas que conheceram o Sr. Rogers fizeram, em seguida, a mesma declaração).

A conversa foi interrompida nesse momento; mas, algumas horas depois, a Sra. Hildreth voltou ao assunto e disse a Mme. Wilson que a descrição, que lhe acabara ela de fazer, correspondia perfeitamente com o aspecto pessoal do Sr. Tisdale, primeiro marido da Sra. Rogers.

É preciso observar, agora, que a Sra. Rogers se tinha estabelecido em Roslindale depois do segundo casamento; a Sra. Hildreth era a única pessoa do lugar que conheceu o Sr. Tisdale; em casa da Sra. Rogers não existiam retratos nem qualquer outro objeto capaz de fazer reconhecer os traços de aparição.” (Assinado: Mary Wilson.)

“A narrativa que precede constitui a exposição completa e cuidadosa do fato sucedido à Sra. Wilson, tal como me foi contado por ela própria na manhã de 15 abril.” (Assinado: Mrs. P. E. Hildreth. – *Proceedings of the S. P. R.*, vol. VIII, págs. 229-231.)

No caso que acabamos de ler, há a notar que, apesar de a doente haver declarado muitas vezes ter visto em torno de si os fantasmas de seus mortos, não é, entretanto, verossímil que tenha participado da percepção alucinatória da Sra. Wilson, em razão do estado comatoso no qual se achava, havia muitas horas, e permaneceu até à morte.

Tudo leva, pois, a supor que a alucinação não foi coletiva e simultânea e que a visão da Sra. Wilson foi inteiramente independente.

Não é permitido ir mais longe nessas suposições, não estando provado o grau de inconsciência em que se encontrava a doente; não se pode, com efeito, afastar completamente a dúvida de que ela conservava um resto de consciência suficiente a determinar um fenômeno de alucinação subjetiva, transmissível telepaticamente a uma terceira pessoa.

Caso 34 – Extraio também esta narrativa dos *Proceedings of the S. P. R.*, vol. X, pág. 372. Ela foi comunicada à mesma sociedade pela Sra. B..., dama conhecida de Podmore.

Falando da morte de sua mãe, conta, entre outras coisas, o que se segue:

“Minha irmã mais moça, hoje defunta, foi chamada ao leito de morte de minha mãe e deixou o Devonshire, onde morava com uma família amiga, para correr a casa.

Uma vez chegada, logo que entrou na sala, parou, cheia de espanto, declarando ter visto o fantasma da madrinha, sentada ao lado do fogão, no lugar habitual em que nossa mãe costumava fazê-lo.

A madrinha morrera em fins do ano de 1852. Tinha sido a governanta de minha mãe e quase sua nutriz.

Com ela vivera durante todo o período da vida conjugal desta, fora madrinha de sua primeira filha e quando meu pai veio a falecer, tinha-se comprometido a substituí-lo e esforçou-se o mais possível por evitar à minha mãe quaisquer espécies de preocupação – o que executou, nobremente, até à morte.

Com a exclamação de X, minha outra irmã correu à sala e pôde perceber o que tinha acontecido. Ela também teve ocasião de ver o fantasma, absolutamente na mesma posição em que X o tinha encontrado.

Mais tarde ele foi percebido ao lado da cama de minha mãe; depois assentado à borda da mesma. Minhas duas irmãs e minha velha criada viram-no conjuntamente.

A aparição era a reprodução exata do que foi a “madrinha” durante a vida – exceção feita da vestimenta cinzenta que trazia, visto que tinha o hábito – se bem me lembro – de só se vestir de preto. Minha mãe também percebeu a madrinha e, voltando-se de lado, exclamou: – Maria! – que era justamente o nome da defunta.”

Também, neste último caso, há fortes presunções em favor da independência completa do fantasma, percebido pela primeira vez pelas duas irmãs.

Apenas, para haver a certeza de que se tratava, efetivamente, de fenômenos não simultâneos, teria sido necessário que, no

momento em que se produzia a primeira manifestação, alguém tivesse pensado em questionar a doente sobre o assunto, o que não ocorreu.

Caso 35 – O episódio que se segue é teoricamente importante, em muitos pontos de vista, mas, infelizmente, o editor da *Light*, revista donde o tirei (1917, pág. 262), em vez de publicar-lhe a relação integral, dá-lhe um resumo, e isto por causa da redução das páginas da revista, em consequência de guerra.

De sorte que faltam aí os detalhes indispensáveis para que se possa conferir aos fatos valor científico.

Decido-me, entretanto, a narrá-lo, lamentando dever declarar que, pela negligência dos editores ou narradores, me vejo obrigado, muitas vezes, a pôr de lado matéria de incomparável valor.

“A Sra. M. S., de Edimburgo, posto que não seja enfermeira profissional, dedicou-se, por altruísmo, grandemente a esse mister; ela nos remete, agora, a descrição da morte, em consequência de febres, de uma menina de 6 anos, filha de seus vizinhos.

A mãe negligenciava tristemente os seus deveres para com a criança, não imaginando que ela estivesse tão gravemente enferma, e a deixava, durante muitas horas, sob a guarda de um irmãozinho de 2 anos.

Um dia em que a Sra. M. S. foi assistir a pequena Neli, observou que radiosa alegria se refletia no pequenino rosto da doente e, de repente, pareceu-lhe que o quarto fora invadido por luz muito viva, “tal como se as paredes não existissem”; por sobre o leito percebeu ela que pairava uma entidade de menina, em atitude de espera. Ao mesmo tempo viu surgir da cabeça da doentinha uma nebulosidade característica, a qual, flutuando-lhe acima do corpo, modelou-se noutra silhueta de menina, envolta em nevoeiro.

Esta pequenina forma já estava meio condensada, quando a mãe da enferma entrou no quarto, e imediatamente toda a condensação fluídica desapareceu e filtrou-se no corpo da criança, enquanto a expressão de alegria se lhe transmudava em aspecto de sofrimento.

A Sra. M. S. aconselhou a mãe a retirar-se e de novo o pequeno rosto foi invadido por expressão extática.

Alguns instantes depois, a menina exclamou: – Lili! – e isso dizendo, finou-se. Ao mesmo tempo refez-se a forma que estava sobre si e ficou completa. A Sra. M. S. viu ainda outra entidade espiritual de criança aproximar-se dessa forma, tomá-la consigo e desaparecerem juntas.

Só depois desses acontecimentos é que a Sra. M. S. soube que Lili era uma irmãzinha de Neli, morta um ano antes.”

Ninguém deixara de perceber a importância que reveste o episódio exposto, se estivesse ele inteiramente consolidado pelas testemunhas necessárias.

Origina-se-lhe a importância do fato de ser produzido no leito de morte de uma criança de muito tenra idade.

Com efeito, não se pode supor que uma menina de 6 anos, sem a consciência de que ia morrer e presa de grandes sofrimentos, pudesse pensar na irmãzinha defunta com intensidade de afeição capaz de transmitir a visão telepático-alucinatória à pessoa que a assistia.

Uma vez eliminada essa eventualidade, a versão espírita do fato não poderia ser posta em dúvida, sobretudo se considerarmos a aparição da menina Lili, de concerto com o fenômeno de desdobramento realizado no leito de morte, fenômeno de que a agonizante não podia transmitir a imagem alucinatória à Sra. M. S., pela simples razão de ignorar-lhe a possibilidade.

Caso 36 – Fizeram aparecer recentemente, na Inglaterra, um pequeno livro sobre Metapsíquica, devido à Senhora Joy Suell, a qual, depois de ter exercido a profissão de “nurse” (enfermeira diplomada), durante uma vintena de anos, conta suas próprias experiências como sensitiva clarividente, à cabeceira de inumeráveis doentes a que assistira. O livro é interessante, atraente e instrutivo.

A respeito de suas experiências no leito de morte, a autora observa que a maior parte dos doentes se extinguem em condições de torpor comatoso, incapazes de sentir ou exprimir qual-

quer emoção; há, porém, muitas exceções à regra e, grande número de vezes, independentemente das condições fisiológicas do moribundo e do seu estado de alma, este percebe, ao lado do leito, personalidades de defuntos que reconhece, mas que são invisíveis para os outros.

Chegou, entretanto, o dia em que se desenvolveram na Sra. Suell as faculdades de clarividência e ela percebeu, conjuntamente com os moribundos, as personalidades espirituais vindas para acolhê-los e ajudá-los na grande passagem.

Ela escreve:

“A primeira vez que tive esta prova ocular foi no leito mortuário de Mlle. L..., graciosa jovem de 17 anos, que era minha amiga e morria de tísica, sem sofrimentos; mas o extremo langor do corpo tornava-a moralmente fatigada e desejosa de repouso eterno.

Chegada a hora suprema, percebi-lhe ao lado duas formas espirituais, uma à direita, outra à esquerda do leito. Não me havia apercebido de sua entrada; quando se tornaram visíveis para mim, estavam já dispostas ao lado da moribunda; eu as via, porém, tão distintamente como a pessoas vivas.

Designei essas radiosas entidades com o nome de anjos e de agora em diante lhes chamarei assim.

Reconheci logo, nessas formas angélicas, duas meninas que tinham sido, quando vivas, as melhores amigas da doente, possuindo as três a mesma idade.

Um instante antes dessa aparição, a agonizante dissera:

– Fez-se, de repente, a obscuridade; não vejo mais nada.

Apesar disso viu e reconheceu, logo depois, uma de suas amigas. Sorriso de suprema felicidade iluminou-lhe o rosto e, estendendo os braços, perguntou ela, cheia de felicidade:

– Vieram buscar-me? Sinto-me feliz com isso, porque estou fatigada.

E enquanto a agonizante estendia as mãos aos anjos, estes faziam outro tanto, apertando-lhe um a mão direita e outro a esquerda. Seus rostos tinham um sorriso ainda mais doce do

que aquele que brilhava no rosto da moribunda, alegre esta, por cedo encontrar o repouso que tanto almejava.

Não falou mais, mas continuou, durante cerca de um minuto, com os braços levantados ao céu e as mãos unidas às de suas defuntas amigas, não cessando de contemplá-las, com expressão de ventura infinita.

Em dado momento, as amigas abandonaram-lhe as mãos, que caíram pesadamente sobre o leito. A expirante emitiu um suspiro, como se se dispusesse tranqüilamente a dormir, e, depois de alguns instantes, seu espírito deixava o corpo para sempre. Sobre o rosto, porém, ficou-lhe gravado o doce sorriso que o tinha iluminado, quando percebeu ao lado as duas amigas mortas.” (Joy Suell – *The Ministry of Angels*.)

Caso 37 – Encontro o episódio seguinte no *Journal of the American S. P. R.*, 1921, págs. 114-122.

Trata-se de um fato rigorosamente documentado, de que os historiadores tomaram nota, logo após o acontecimento.

Sucedeu no leito de morte do poeta e pensador norte-americano, muito conhecido, Horácio Traubel (1859-1919), que foi o Boswell desse outro grande poeta norte-americano, que é Walt Whitman.

Tinha ele sido o amigo íntimo deste último; estudou-o, durante toda a vida, com amor imenso, como Boswell havia estudado Samuel Johnson; depois da morte do amigo, publicara um *Jornal* de muitos volumes para ilustrar-lhe a vida e o pensamento.

Horácio Traubel foi, por seu turno, um poeta genial da mesma escola de Walt Whitman; em algumas críticas de arte os poemas do discípulo rivalizavam com os do mestre.

A Sra. Flora Mac Donald Denison, que esteve presente no leito mortuário de Horácio Traubel, relata o que se segue:

“A 28 de agosto, Horácio estava muito deprimido de espírito. A doença de Ana e a partida dos Bains constituíam aflições muito graves para sua fibra. Mildred lhe fez companhia muito tempo; nós decidimos não deixá-lo só um ins-

tante. Quando chegamos à varanda para transportá-lo para o quarto, encontramos-lo radiante de alegria. Vendo-me de longe, exclamou:

– Flora, olha, olha; depressa, que ele se vai!

– Onde? que vês, Horácio, eu não percebo nada.

– Ali, naquela saliência do rochedo, Walt me apareceu. Eu lhe vi a cabeça e o tronco; tinha chapéu; estava esplêndido, radiante; parecia circundado de uma auréola de ouro. Saudou-me com a mão, como para encorajar-me e falou-me. Percebi-lhe perfeitamente o timbre da voz, mas só lhe ouvi estas palavras: – Vem, eu te espero.

Nessa ocasião chegou Franck Bains, a quem ele contou a mesma coisa; durante toda a noite mostrou-se aliviado, radiante, feliz...

Na noite de 3 de setembro, Horácio passou mal. Eu velei durante algumas horas. Quando lhe vi os olhos, até ali imóveis, voltarem-se para mim, acreditei que tinha entrado em agonia. Não era, porém, isso: desejava somente que o mudassem de posição.

Enquanto lhe executava o desejo, notei que o enfermo parecia prestar atenção a algum ruído. Logo depois me disse:

– Ouço a voz de Walt; ele me fala.

– Que te diz? – perguntei.

– Repete-me: vem comigo, vem, eu te espero.

Depois de alguns instantes acrescentou:

– Flora, todos os amigos aqui estão reunidos com Walt; aqui se acham Bob, Bucke e os outros.

O coronel Cosgrave chegou na mesma noite para velar Horácio; ora, ele percebeu o fantasma de Walt Whitman, o qual apareceu do outro lado do leito, se lhe aproximou e lhe tocou a mão direita, que Horácio conservava no bolso. A esse contacto o coronel sentiu como que um choque elétrico. Horácio viu também Walt e o disse.

Essas aparições tiveram o efeito de fazer desaparecer, como por encanto, toda melancolia. Ninguém se sentia mais

abatido; um sentimento de exultação triunfal impregnava a atmosfera da casa.” (Assinado: Flora Mac Donald Denison.)

O Dr. Prince, secretário da *American Society of P. R.*, escreveu ao Coronel Cosgrave, a fim de obter novos pormenores sobre este acontecimento. Extraio das cartas do coronel as passagens de maior relevo:

“No curso dos meses de agosto e setembro de 1919, vivi em relações familiares com Horácio Traubel, conhecido de todos por suas obras e suas nobres aspirações espirituais.

Até esse momento eu o não conhecia pessoalmente, como, do mesmo modo, tinha apenas um conhecimento superficial das obras e do idealismo de Walt Whitman. Faço notar isso para mostrar que minha mentalidade, consciente ou subconsciente, não estava, por forma alguma, influenciada pelas obras ou idealismos desses escritores. Acrescento, ainda, que meu longo serviço militar na França, com o Exército canadense, passado quase sempre na 1.^a linha, desde janeiro de 1915 até o armistício, me tinha naturalmente familiarizado com a morte; e, de tal maneira, que a ambiência que cerca os moribundos, inspirando-me grande respeito, não gerava em mim essa tensão nervosa e essas superexcitações emotivas que se realizam, geralmente, entre pessoas não familiarizadas com o ato final da existência.

Faço esses reparos para demonstrar que me encontrava em condições normais de espírito, quando se produziu o acontecimento de que tratou Miss Flora Denison, acontecimento que confirmo em todos os seus detalhes.

Em suma, eis o que se passou:

No curso de três noites que precederam o trespasse de Horácio Traubel, ia velá-lo nas últimas horas da madrugada.

Esperava o seu fim de um momento para outro e meus pensamentos permaneciam serenos e elevados, conforme a solenidade da hora e da ambiência, bem como em virtude de uma espécie de magnetismo especial, que parecia des-

prender-se do homem que expirava – grande altruísta, que tinha consagrado a existência a serviço da Humanidade. Em outras vezes observava essa espécie curiosa de magnetismo espiritual e sempre em presença de grandes caracteres – nunca com homens ordinários.

Horácio Traubel finava-se por paralisia e esgotamento, mas não parecia sofrer. Era semiconsciente e articulava dificilmente as palavras, por causa da paralisia da língua; mas os olhos, sempre vivos e expressivos, faziam com que se lhe adivinhassem os desejos.

Na última noite, pelas 3 horas da manhã, ele piorou de repente; a respiração tornou-se quase imperceptível; os olhos se lhe fecharam. Parecia mergulhado em condições comatosas, enquanto o corpo era abalado por movimentos convulsivos.

Algum tempo depois, reabriu os olhos, olhando fixamente para os pés do leito; os lábios se agitavam em esforço vão para falar. Supondo que ele tivesse necessidade de respirar mais livremente, recoloquei, com delicadeza, sua cabeça em situação normal; ele, porém, logo se voltou, olhando de novo na mesma direção e fixando um ponto colocado a 3 pés acima do leito. Fui, então, levado irresistivelmente a olhar para esse lado. O aposento era iluminado insuficientemente por uma lamparina, colocada atrás de uma cortina, num canto do quarto.

Pouco a pouco o ponto para onde se dirigiam os nossos olhares aclarou-se; apareceu pequena nuvem que se espalhou e aumentou rapidamente, tomando logo forma humana, na qual se moldaram os traços de Walt Whitman. Ele se mantinha de pé, ao lado do leito do moribundo, vestido com rude mas leve casaco, tendo na cabeça o habitual chapéu de feltro e a mão direita no bolso, postura que lhe era familiar e que se vê em alguns de seus retratos.

Olhava para Traubel e lhe sorria com afeto, como se tivesse querido encorajá-lo e lhe desejasse as boas-vindas. Por duas vezes fez-lhe sinal com a cabeça; lia-se-lhe, na

expressão do rosto, que desejava levantar o moral do enfermo.

Ficou inteiramente visível cerca de um minuto e depois se esvaeceu pouco a pouco. Mas antes de desaparecer, enquanto Horácio e eu o olhávamos intensamente, moveu-se, aproximando-se daquele. Horácio, que por causa da paralisia, não podia ter a cabeça por muito tempo voltada de um só lado, teve que tomar a posição normal; e, fazendo isso, murmurou:

– Aqui está Walt.

Nesse momento o fantasma dirigiu-se para mim, pareceu atravessar o leito e tocou-me com a mão, como para dizer-me adeus. Senti esse contacto como ligeiro abalo elétrico. Enfim, Walt sorriu uma última vez para Horácio e desapareceu a nossos olhos.

Isto se deu às 6 horas da manhã de um dia de setembro, duas horas antes de o doente expirar, horas que ele passou, em grande parte, em coma; a paralisia tirava-lhe o uso da palavra, mesmo nos intervalos de vigília; mas o olhar estava cheio de mensagens silenciosas; compreendia-se que estava percebendo outras manifestações, que não as percebíamos nós.” (Assinado: Coronal Cosgrave.)

Nesse muito interessante episódio de visão coletiva no leito de morte, encontram-se indícios em favor da objetividade do fantasma aparecido. Primeiramente, por causa da maneira por que se constituiu: pequena nuvem luminosa que se alongou, condensou e aumentou de dimensões até atingir as proporções e a forma humanas, nas quais apareceram os traços do poeta falecido, Walt Whitman, amigo íntimo do outro poeta moribundo.

Ora, sabe-se que é assim que se formam ordinariamente as materializações experimentais de fantasmas, tanto quando tomam uma forma concreta como quando guardam uma forma imponderável (em nosso caso tratava-se de um fantasma fluídico imponderável, capaz de atravessar um leito).

Em seguida, a objetividade provável da aparição ressaltaria dessa outra circunstância – a de que o fantasma aproximou-se do percipiente e lhe tocou a mão –, contacto que foi percebido sob a forma de ligeiro choque elétrico.

Não se pode contestar que as duas circunstâncias em questão – posto que não possam ser consideradas como definitivas para provar a objetividade do fantasma –, são, no entanto, suficientes para autorizar a conclusão de que as maiores probabilidades são em favor desta última hipótese – e, portanto, da interpretação espírita dos fatos. Aliás, a interpretação espírita desses fatos seria legítima, mesmo se se tratasse de um fantasma telepático, transmitido pelo pensamento consciente do defunto ao amigo moribundo.

Notarei, sobre o caso, que a única hipótese que se pode opor às duas que acabo de citar – a da transmissão do pensamento alucinado do moribundo ao percipiente (hipótese que apenas tenho acolhido e discutido nesta obra por um sentimento de retidão científica) – deve ser absolutamente excluída em todos os casos de percepções coletivas desta natureza, porque é ela combatida pelos fatos até o ponto de ser por eles demolida – assim como o provarei na síntese final deste trabalho.

Caso 38 – Eis um último caso, em que não se trata precisamente duma visão coletiva no leito de morte, mas de uma aparição percebida em relação com uma pessoa que devia morrer 18 meses mais tarde, e que a viu por seu turno. É, pois, uma visão premonitória, repetida no leito de morte.

Extraio o caso do *Journal of the American S. P. R.* (1905, pág. 327).

Johsna Hodgson escreve:

“Na noite de sexta-feira, 29 de julho de 1898, minha mulher estava ocupada com os cuidados domésticos e eu estava sentado perto dela, fumando e lendo, até que adormeci.

Meu sono durou até depois de meia-noite e, quando acordei e olhei em torno de mim, fiquei imensamente surpreendido por ver, em minha frente, duas figuras humanas: minha mulher assentada numa poltrona e mergulhada em pro-

fundo sono e outra figura, vestida de branco e suspensa acima dela. Olhando o rosto desta última figura, com imenso espanto, reconheci a mãe de minha mulher! Logo que a reconheci, ela desapareceu, enquanto minha mulher continuava a dormir tranqüilamente, ignorante do que se tinha passado.

Julguei prudente não informá-la o acontecido, com receio de impressioná-la, e disso me abstive durante muitos meses; mas devo declarar que a visão tinha deixado em mim a impressão penosa de que se tratava do prognóstico de desgraça iminente.

Minha mulher morreu a 18 de março de 1900, dezoito meses depois que a mãe lhe aparecera, durante o sono.

Alguns dias antes de morrer, ela disse que viu a genitora com o seu próprio filho, morto 17 meses antes, os quais a esperavam e chamavam. Depois destas palavras passou ao estado de inconsciência e assim ficou até expirar.”

Quarta categoria

Casos de aparições no leito de morte, coincidindo com prenúncios ou confirmações análogas, obtidas mediunicamente.

Esta categoria coloca-se entre as mais importantes, do ponto de vista científico, porque pressupõe a aplicação, aos fenômenos, dos métodos de investigação experimental.

No estado em que se encontra, não representa, sem dúvida, mais que um bom começo, mas esse começo é de bom augúrio e deixa entrever a possibilidade de chegar-se um dia ao fim, de maneira suficiente e decisiva – o que constituiria um coroamento digno do mais elevado ideal científico.

Como quer que seja, não é menos verdade que unicamente por meio desses métodos será possível esperar atingir a solução final dos problemas perturbadores que se ligam às manifestações metapsíquicas em geral, problemas cujo alto valor teórico não interessa unicamente às doutrinas científicas e filosóficas, mas se estende e se eleva até tornar-se social e moral.

Não se pode dizer, entretanto, que a introdução do prenúncio ou da reconfirmação mediúnica, no quadro fenomenológico das aparições, baste a eliminar totalmente a hipótese telepático-alucinatória. A esta os pesquisadores de hoje atribuem multiformes manifestações hipotéticas, de maneira a tornar quase impossível a sua eliminação na maior parte dos fenômenos mediúnicos.

Em nosso caso poder-se-ia sempre imaginar que o fato de uma aparição no leito de morte, prenunciada ou reconfirmada mediunicamente, tem nascimento de uma relação telepática produzida entre a consciência do médium e a do doente ou entre as do médium, do doente e dos consultantes.

Dos sete casos que se seguem, os quatro primeiros parecem mais ou menos insuficientes, sob aspectos diversos, e só me decido a citá-los para acumular material metapsíquico, a serviço dos futuros pesquisadores; não se poderia, porém, dizer outro

tanto dos três restantes, que representam, ao contrário, uma importante contribuição em favor da objetividade das aparições de defuntos.

Caso 39 – Extraio-o do *Journal of the American S. P. R.* (1907, pág. 49). O Professor Hyslop publicou uma série de “visões de moribundos”; cita, entre outros, este episódio concernente a duas damas de seu conhecimento e transcrito por ele a ditado delas:

“Quatro a cinco semanas antes da morte de meu filho, eu me achava em companhia de minha amiga, a Sra. S..., dotada de faculdades mediúnicas; e foi-lhe ditada uma mensagem, em que o Espírito-guia – uma menina que se designava pelo nome de Bright-Eyes (Olhos Brilhantes) promete ir ao leito de meu filho, gravemente doente de carcinoma. Ora, na noite que precedeu a de sua morte, meu filho queixou-se de que em torno de sua cama circulava uma menina e perguntou quem era. Tudo isso sucedia em Muskoka, a 160 milhas ao norte de Toronto. O doente ignorava absolutamente a mensagem obtida com a Sra. S...”

O Professor Hyslop observa:

“A amizade íntima existente entre a Sra. S... e a Sra. G..., mãe do defunto, deixa supor a possibilidade de que alusões ou sugestões tivessem sido inconscientemente transmitidas ao filho antes da morte deste; ou que, no momento da experiência mediúnica, algumas observações tivessem sido trocadas, capazes de tirar ao incidente o valor que ele aparentemente apresenta.”

Caso 40 – Por ocasião da morte do Sr. Ferneyhough (de Maritzburgo, Colônia do Cabo), espiritualista inglês bem conhecido, diretor de revistas espíritas e médium psicográfico, publicou-lhe a *Light* o necrológio, de que extraio este parágrafo:

“A 22 de fevereiro de 1892, o Sr. Ferneyhough teve a infelicidade de perder seu filho primogênito, de 5 anos de idade. Nessa época, as doutrinas espiritualistas não tinham atrativo para ele; deixou-se, porém, algum tempo depois,

levar a uma sessão experimental. Lê-se em seu jornal pessoal, na data de 28 de novembro de 1894, o seguinte:

A primeira prova de identificação se me apresentou justamente no momento em que ia renunciar às pesquisas.

Manifestou-se certa Senhora Nelson, que tinha sido, durante a vida, enfermeira de Maritzburgo, e que ditou:

– Vai já a tua casa porque é lá que se encontra teu filho.

A significação da mensagem estava ligada à doença do outro filhinho, Cirilo.

Ferneyhough teve a impressão imediata – e logo após perfeitamente justificada – de que o filho que se achava em sua casa era Reginaldo, vindo para receber seu irmãozinho Cirilo, também ele destinado a morrer.

E o fato de que essa impressão não era fruto de uma imaginação exaltada, foi confirmada pelo seguinte: Cirilo, um instante antes de morrer, pronunciou com irritação o nome do irmãozinho Reginaldo, dizendo-lhe que se fosse embora, que não queria ir com ele, que queria ficar com sua mãe.”

Caso 41 – Extraio-os dos *Annali dello Spiritismo in Italia*, 1875, págs. 120 e 149. A relação do caso ocupa dez páginas dessa revista. Narrarei tão-somente as passagens principais. O relator é o conhecido espírita da primeira hora, Rinaldo Dall’Argine, e os protagonistas pessoas de sua intimidade.

Ele escreve:

“O Dr. Vincent Gubernári, natural de Maremmes, na Toscana, instalou-se definitivamente em Arcétri, deliciosa região perto de Florença, e, se bem que não fosse médico oficial, exercia aí igualmente sua profissão.

Gubernári, favorecido dos bens da fortuna, esposara Isabel Segardi, de Sienne, descendente duma família patricia dessa cidade. Também ela era rica e tinha trazido ao marido um dote não desprezível.

Os esposos convieram no fazer doação recíproca de bens e a Sra. Gubernári fizera seu testamento nesse sentido e su-

pusera que o marido tinha feito outro tanto em seu benefício.

Posto que o Sr. Gubernári, materialista como era, zombasse do Espiritismo e dos Espíritos, não pôde deixar de impressionar-se, vendo muitos de seus amigos, que ele sabia bem instruídos, isentos de preconceitos e outrora mais antiespíritas que ele, tornarem-se repentinamente crentes com as manifestações espíritas.

Um belo dia, pois, o doutor, ou porque se quisesse vencer pessoalmente, ou porque se quisesse divertir à custa dos amigos, manifestou-lhes o desejo de tentar uma experiência na própria casa e convidou-os a nela tomar parte.

Logo que os experimentadores formaram a cadeia em torno da mesa, um Espírito agitou-a, com força surpreendente... E o doutor ficou extremamente admirado quando, perguntando-se o nome do Espírito presente, este lhe respondeu:

– Tua tia Rosa.

O doutor ficara órfão, com pouca idade, e fora educado com ternura por essa tia, que lhe tinha servido de mãe.

Quando voltou a si da surpresa, exclamou:

– Pois bem, se és verdadeiramente minha tia Rosa, ajude-me a ganhar muito dinheiro!

– Estou aqui para bem outra coisa. Vim para aconselhar-te a mudar de vida e pensar em tua mulher – respondeu o Espírito.

– Já pensei em minha mulher – respondeu, sem vergonha, o doutor – tanto que ambos fizemos nossos testamentos, com benefícios recíprocos.

– Mentira! – respondeu o Espírito, sacudindo fortemente a mesa, para demonstrar o seu descontentamento – ela te deixou tudo, sim, mas tu não lhe deixaste nada!

A Sra. Gubernári tomou parte, então, no diálogo, e querendo persuadir o Espírito de que seu marido tinha feito testamento em seu favor, disse, corajosamente, que ele podia

prová-lo, mostrando o mesmo testamento aos amigos presentes.

O doutor, em consequência dessa intervenção inesperada de sua mulher, viu-se comprometido e sem saber como sair-se do aperto. Sabia o que lhe dizia a consciência e lhe era impossível mostrar os documentos, declarando que o Espírito não tinha dito a verdade.

Muito perturbado com o incidente, declarou, então, que não faria ver a ninguém o testamento.

E o Espírito, agitando a mesa com força ainda maior, respondeu:

– Tu és um impostor! Sim, eu te repito: esqueceste tua mulher e em teu testamento só te lembraste da tua criada, porque... Muda, sim, teu modo de vida e teu testamento e apressa-te, porque não tens tempo a perder, dentro de alguns dias estarás conosco no mundo dos Espíritos.

Essa revelação foi como que um raio sobre a cabeça do doutor. Ele ficou aterrado e, depois, com raiva, gritou:

– Como? Tenho que morrer antes de minha mulher, eu que sou mais moço que ela? Não, isso não acontecerá nunca; quero viver ainda e viverei.

Assim dizendo, levantou-se irritado e ordenou que levassem a mesa que servira à experiência.

No dia seguinte, um dos seus amigos, o Coronel Maurício – para acalmar-lhe a agitação –, falou-lhe de possíveis mistificações espíritas e lhe disse que, nessa noite mesma, iria à casa da Condessa Passerini, a fim de pedir uma sessão de contraprova.

O doutor pareceu acalmar-se e esperou com impaciência o resultado da nova experiência.

O Coronel Maurício foi, com efeito, à casa da Condessa Passerini e, começada a sessão, perguntou ao Guia se conhecia o que tinha sucedido à noite precedente em casa do Dr. Governári.

Responderam-lhe:

– Não houve mistificação; o Espírito da tia do doutor revelou-lhe a pura verdade.

– Então – perguntou o Prof. Capéli – o Dr. Gubernári deve morrer em breve?

– Sem dúvida nenhuma – continuou o Espírito – e antes do fim do ano corrente.

– Mas – acrescentou Capéli – como podemos contar ao doutor a terrível confirmação do que sua tia lhe revelou? Não queremos nem podemos aumentar sua perturbação.

– O que eu disse é a vós que o digo; com o doutor comportai-vos como quiserdes.

Escreveram imediatamente ao Dr. Gubernári que o Espírito assegurara que se tratava de mistificação

O doutor leu avidamente a carta e acalmou-se, rindo-se de si próprio e de seus terrores e, como gozasse de perfeita saúde, teve vergonha de haver acreditado, um único instante, na morte próxima.

Apesar de tudo, na noite de 12 de novembro foi assaltado por febre muito forte, acompanhada de muitas dores... Os médicos diagnosticaram moléstia sem importância e que não merecia se preocupassem com ela... Mas, com o tempo, o mal aumentava e ele sofria horivelmente.

Seus amigos foram de novo à casa da Condessa Passerini, a fim de obterem uma sessão mediúnica. Manifestou-se a entidade habitual. Interrogada, a propósito, respondeu:

– Como se trata de uma doença e não conheço esse gênero de coisas, procurarei, para satisfazer-vos, um Espírito que tenha exercido a Medicina durante a vida e vo-lo enviarei. Esperai um momento.

A mesa parou, mas depois de alguns minutos agitou-se de novo e o mesmo Espírito disse:

– Achei o médico; está aqui; interrogai-o:

P. – Podeis dizer-nos alguma coisa sobre a doença de Gubernári?

R. – Digo que, como Espírito, acho Gubernári gravemente doente; declaro, entretanto que, se estivesse entre vós, diria dele o que dizem os meus colegas vivos.

P. – Mas se é verdade que ele está gravemente doente, como podem declarar os médicos que seu mal é negócio de alguns dias?

R. – Se o corpo, que tem a alma aprisionada, fosse como uma caixa que se pudesse abrir à vontade, os médicos veriam o mal que consome Gubernári, enquanto ele parece exteriormente bem.

P. – Seu mal é somente físico ou também moral?

R. – Ambas as coisas.

P. – Curar-se-á ou morrerá?

R. – Lamento vo-lo dizer; mas estará ele brevemente entre nós.

P. – Podei-nos dizer quem sois?

R. Um médico cujo nome não vos é conhecido.

P. – Sede bastante bom para nos fazer conhecido o vosso nome.

R. – Eu vo-lo digo e já me vou porque estou com pressa. Panattôni. Boa-noite a todos. (O Dr. Panattôni, parente do deputado do mesmo nome, tinha sido um bom médico e havia exercido sua profissão em Florença.)

Foram feitas outras consultas e os médicos sentenciaram, por fim, que o doutor tinha um quisto interno.

Ele morreu a 30 de dezembro de 1874.

Em estado de agonia, dizia ver perto do leito o Espírito do Dr. Panattôni, que não o abandonava um só momento e à sua cabeceira os Espíritos de sua mãe e de sua tia Rosa, que o consolavam com sua presença e o encorajavam a deixar a vida terrestre.

Temendo que o não acreditassem, exclamou mais de uma vez:

– O que eu digo é a pura verdade; estou na agonia e na agonia não se mente.”

Caso 42 – Este episódio deveria ser classificado na categoria seguinte, que compreende os casos de aparições vistas unicamente pelos assistentes; mas, como contém um episódio de reconfirmação mediúnica da visão advinda, eu o junto aos desta categoria.

No ano de 1917, grande interesse foi suscitado na Inglaterra por um caso de identificação espírita narrado pelo Senhor Richard Wilkinson, homem de negócios muito conhecido e endurecido céptico em matéria de Espiritismo e religiões.

Tendo perdido o filho na guerra, foi levado pela mulher a assistir a uma sessão mediúnica, durante a qual se obtiveram excelentes provas da presença e da identidade do jovem. Outras sessões se seguiram e outras provas extraordinárias se acumularam até a convicção absoluta do céptico Wilkinson, o qual, para consolo de tantas almas sofredoras, decidiu-se a relatar os fatos na revista *The London Magazine*, do mês de outubro de 1917.

Extraio esta passagem do relato:

“Quando minha mulher estava em Brighton para tratar do pai doente (e que morreu pouco tempo depois), certa manhã, às 8 horas, em pleno dia, ela percebeu a seu lado a aparição do filho. Nenhuma explicação científica, nenhuma teoria poderá jamais fazê-la admitir que se tratava de auto-sugestão e alucinação. Ela está bem certa de que o filho estava a seu lado.

Alguns dias mais tarde, chegava a Londres. Não tinha contado o acontecimento a ninguém, na expectativa de verme na gare¹ e mo participar. Nessa mesma noite fomos juntos à casa do médium, a Sra. Annie Brittain; e logo que chegamos à sessão, as primeiras palavras que pronunciou Annie foram as seguintes:

– Vosso filho deseja que sua mãe saiba que não se trata de um sonho, mas que lhe foi realmente permitido erguer por um instante o véu que nos separa.

Depois acrescentou:

– Jane também o viu.

Ora, Jane é uma nossa amiga íntima, a qual, alguns dias antes, havia contado a minha mulher ter visto a aparição de nosso filho em circunstâncias que excluía absolutamente a possibilidade de um sonho.

Inútil acrescentar que a Sra. Brittain nunca ouvira falar desta Jane.

Se alguém me tivesse dito, há somente um ano, que eu teria podido ler – já não digo escrever – coisas semelhantes e nelas acreditar, teria respondido que era impossível.”

Caso 43 – Este foi recolhido pelo Dr. Hodgson e o extraio do vol. VIII, págs. 227 e 228 dos *Proceedings of the S. P. R.*

28 de janeiro de 1891 – Há cerca de 11 anos, quando me achava em grande ansiedade por ver minha mulher atacada de um câncer no estômago, fui informado de que um médium, Miss Susie Nickerson White, tinha dado provas muito notáveis de faculdades supranormais. Ia vê-la, sem me fazer conhecer, e pedir uma sessão, que me foi concedida.

Apresentou-se, na sessão, uma entidade que afirmava ser a irmã de minha mulher; disse chamar-se Maria, o que era exato; prosseguiu falando de fatos e de negócios de família, absolutamente verdadeiros; deu exatamente o nome de minha mulher – Elisa-Ana; descreveu-lhe a doença, predisse que ela não sobreviveria e que não lhe restava mais que alguns meses de vida.

Surpreendido por tantas informações exatas, perguntei:

– Que nome daremos a estes fenômenos? Psiquismo? Sonambulismo?

A que se dizia Maria respondeu:

– Eu sabia bem que me íeis fazer esta pergunta; li-a em vosso pensamento.

– Tirais, pois, do meu pensamento tudo que dizeis? – perguntei.

– Não – respondeu ela –, e para o provar, direi alguma coisa que não está em vosso pensamento. Anuncio-vos que daqui a três dias Elisa-Ana dirá que eu lhe apareci, ao mesmo tempo que nossa mãe, que espero trazer comigo.

Farei notar que a mãe de minha mulher estava morta havia 45 anos e a irmã, 6 a 7 anos apenas. Guardei naturalmente segredo do que se havia passado.

Três dias depois, a enfermeira correu, muito agitada, para advertir-me que o estado de minha mulher tinha piorado, que ela mostrava evidentes sinais de delírio, que tinha chamado, de repente, sua mãe e sua irmã, falecidas, depois do que tinha saltado da cama e corrido para a porta, gritando:

– Fique mamãe; pare, Maria! Não vão ainda!...

Depois dessa prova tão flagrante, fui de novo consultar Miss White. Logo que principiou a sessão, apresentou-se a mesma entidade. Eu estava, então, muito preocupado, porque, já havia alguns dias, minha mulher não podia mais conservar no estômago nenhum alimento sólido ou líquido, nem mesmo leite e água. Estava, pois, absolutamente esgotada, tanto mais quando se via atingida de implacável insônia.

Maria aconselhou que lhe dessem café muito forte e muito quente, com um pouco de creme. Posto que esta prescrição me surpreendesse, decidi prepará-la e administrá-la. A doente tomou-a de boa-vontade e a digeriu perfeitamente. Durante muitos dias não viveu de outra coisa; pouco a pouco, porém, não pôde reter, mesmo, essa alimentação.

Consultei de novo Miss White; Maria aconselhou dar-lhe algumas colheradas de suco de limão, muitas vezes por dia, a fim de lhe fazer voltar o apetite e permitir-lhe conservar o alimento.

Esta prescrição teve pleno êxito. Minha mulher não tardou, entretanto, a piorar de novo; fui pela quarta vez à casa de Miss White e perguntei a Maria quanto tempo de sofrimento restava ainda à doente.

Ela respondeu que não estava em condições de me dizer, mas que procuraria prevenir-me.

– A primeira vez – disse ela – que a doente declarar haver-me visto, não deveis mais vos afastar de sua cabeceira.

Alguns dias depois, pelas 3 ou 4 horas da manhã, fui substituir a enfermeira, que me advertiu:

– Mammie (fazia alusão à minha mulher) disse há pouco que viu de novo sua irmã falecida.

Alguns instantes depois, minha mulher murmurou:

– Eu me vou – e dizendo estas palavras exalava o último suspiro.”

(Assinado: E. Paige; Mary A. Paige, aliás, Mary Doc-kerty, a enfermeira.)

No fato que precede e a propósito da primeira dupla aparição, poder-se-ia muito razoavelmente dizer que sua realização matematicamente exata foi produzida por um impulso telepático, originado no pensamento subconsciente do médium ou então no do marido.

É menos fácil explicar a visão que precedeu imediatamente a morte da doente.

A tarefa não seria difícil se a visão fosse produzida em presença do marido; nesse caso, poder-se-ia legitimamente supor que E. Paige, verificando no rosto da doente os sinais de agonia, tivesse pensado na promessa que havia recebido de “Maria”, transmitindo, assim, à enferma o fenômeno alucinatório correspondente.

Mas o episódio não se passou dessa forma. Viu-se que foi a enfermeira quem avisou o marido da aparição que se dera. A explicação de que se trata não é, portanto, aplicável a este caso. Parecerá, pois, insuficiente a hipótese telepática, salvo se se quiser procurar a chave deste mistério (assim como já foi proposto para explicar profecias análogas obtidas por Madame Piper), na possibilidade de que haja fenômenos de comunicação telepática entre subconsciente e subconsciente, isto é, fora da participação das consciências normais respectivas, excetuadas algumas

irrupções acidentais do subconsciente no consciente, de modo a determinar os episódios que acabo de citar.

Segundo esta hipótese seria preciso imaginar que o *eu* subconsciente do doente tivesse tido o pressentimento da iminência de sua morte e esse pressentimento fosse percebido telepaticamente, quer pela consciência do médium, quer pela do marido, e tivesse sido a fonte do fenômeno correspondente de repercussão telepática na consciência normal da doente.

Concebe-se que esta hipótese não se recomenda pela simplicidade e não tem o dom de convencer facilmente um investigador imparcial.

É claro que, por semelhantes teorias, tão embrulhadas e bem mais engenhosas que sérias, ultrapassam-se as fronteiras da indução científica para entrar-se de velas pandas no domínio ilimitado do fantástico.

Caso 44 – A fim de facilitar a compreensão do interessante acontecimento que vou narrar, devo observar primeiramente que sob o pseudônimo de Elisa Mannors se oculta uma senhora que foi conhecida pelos Professores Hodgson e F. W. Myers. Essa senhora tinha um tio, designado no relato por M. F., o qual morreu na véspera do dia em que Hodgson teve com Mme. Piper a sessão de que tratamos:

“A nova da morte de M. F., tio de Elisa Mannors, foi inserida em um jornal de Boston e aconteceu-me lê-la quando ia para a sessão.

A primeira mensagem escrita foi recebida de Mme. Elisa, o que eu não esperava. Ela escreveu de forma ágil e clara, anunciando que F... se encontrava na sessão, embora não estivesse em condições de poder comunicar-se diretamente. Acrescentou que queria informar-me do modo por que tinha ajudado F... a se reunir a ela. Explicou que se achara presente em seu leito de morte e que lhe tinha dirigido palavras de encorajamento (que nos fez conhecer, e que continham uma forma de expressão desusada). Afirmou ainda que ele, F..., tinha ouvido essas palavras, que a tinha mesmo visto e reconhecido.

Ora, tudo isso me foi confirmado, ponto por ponto, da única maneira pela qual era então possível, isto é, por meio de um amigo muito íntimo de Mme. Elisa, de mim mesmo e dum próximo parente de F...

Mostrei-lhe a ata da sessão e, um ou dois dias depois, o parente que se tinha achado no leito de morte declarou espontaneamente a esse amigo que F..., morrendo, tinha-lhe dito que havia visto diante de si sua sobrinha Elisa; que esta lhe falara e repetiu, então, as palavras que lhe havia ela dirigido.

Essas palavras que o parente de F... repetiu ao amigo eram bem as que Mme. Elisa relatara por intermédio de Mme. Piper em transe.

Inútil acrescentar que eu ignorava absolutamente isso.”

(Prof. R. Hodgson, *Proceedings of the S. P. R.*, vol. XIII, pág. 378.)

Este fato parece sugerir quase irresistivelmente a explicação espiritualista. É preciso, entretanto, não esquecer que as pessoas das quais F..., moribundo, estava rodeado, conheciam necessariamente o incidente, o que permitiria supor um fenômeno de percepção telepática ou telestésica entre a subconsciência da Sra. Piper em transe e a subconsciência das demais pessoas. Entretanto, a explicação deve necessariamente parecer forçada e gratuita, tanto mais se considerarmos que a Sra. Piper não conhecia essas pessoas. Se esta circunstância não basta a afastar completamente a hipótese telepática, torna-a, pelo menos, inteiramente improvável.

Caso 45 – Tiro este episódio da relação do professor Hodgson, sobre as experiências com a Sra. Piper (pág. 121), relação que foi impressa no vol. VIII dos *Proceedings of the S. P. R.*

Os nomes dos protagonistas deste fato são designados por suas iniciais.

“Cinco de abril de 1889 – Fui à casa de Mme. Piper, em fins de março do último ano (desde o começo de fevereiro tinha o hábito de lá ir de 15 em 15 dias).

Ela predisse a morte de um dos meus próximos parentes, o que devia suceder dentro de 6 semanas e trazer-me vantagens pecuniárias.

Pensei, naturalmente, em meu pai, que havia atingido avançada idade e de quem Mme. Piper traçara a personalidade com admirável evidência, algumas semanas antes, embora o tivesse feito de forma a deixar supor que falava, não de meu pai, mas simplesmente de pessoa à qual estava eu ligado por estreito parentesco.

Perguntei se a criatura que devia morrer era a mesma que me tinha sido descrita nessa circunstância; ela, porém, evitou dar-me resposta satisfatória.

Alguns dias depois, minha noiva foi à casa da Sra. Piper, que lhe predisse, então, sem nenhuma reticência, que meu pai faleceria ao fim de algumas semanas.

Em meados do mês de maio, meu pai, que se restabelecia de um ligeiro acesso de bronquite, morreu, de repente, em Londres, em consequência de uma paralisia cardíaca. Isso se passou no próprio dia em que os médicos o tinham declarado fora de perigo.

Algum tempo antes, *Finuit*, por intermédio de Mme. Piper, me havia anunciado que iria para junto de meu pai, a fim de exercer sobre ele sua influência relativamente a certas disposições testamentárias que ele havia tomado. Dois dias depois de haver recebido a notícia telegráfica de sua morte, fui, com minha mulher, à casa da Sra. Piper, e *Finuit* declarou que meu pai estava presente, tendo a sua vinda ao mundo dos Espíritos sido súbita.

Assegurou-me, em seguida, haver exercido sua influência junto a meu pai, para o persuadir a respeito das disposições testamentárias de que se tratara. Informou-me, então, do conteúdo do testamento, descreveu os traços do principal executor testamentário e acrescentou que este, logo depois de minha chegada a Londres, emitiria certa proposição em meu favor, destinada a ser submetida ao consentimento de dois outros executores.

Três semanas depois, achava-me em Londres. O executor testamentário era precisamente o de que *Finuit* tinha feito a descrição; o testamento estava redigido da maneira pela qual ele tinha anunciado, a proposição a meu favor foi efetivamente emitida e minha irmã, que não tinha nunca deixado a cabeceira de meu pai nos três últimos dias de sua vida, contou que o doente se havia queixado, por muitas vezes, da presença, ao pé da cama, de um velho que o importunava, querendo discutir os seus interesses privados.”

(Assinado: M. N. e Sra. M. N.)

É preciso convir que também este episódio pode ser admiravelmente explicado pela hipótese espírita.

É-nos preciso, entretanto, procurar saber, friamente, até que ponto a hipótese telepática poderá satisfazer-nos, a princípio, do ponto de vista do fenómeno da aparição, em seguida dos outros incidentes considerados em relação com o próprio fenómeno.

Chega-se, pela hipótese telepática, a explicar o conjunto dos fatos, desde que, bem entendido, não nos ponhamos a olhar muito de perto o carácter mais ou menos artificial das conjecturas.

De acordo com essa hipótese, pelo que se relaciona com a coincidência entre a aparição no leito de morte e o que fora predito na sessão de Mme. Piper, dever-se-á supor que a subconsciência do médium em transe, personificando a entidade espírita que se dizia “Doutor Finuit”, e objetivando-a sob a forma de um velho, tenha transmitido telepaticamente ao centro de ideação do doente a mesma objetivação alucinatória.

Quanto ao episódio verídico da profecia de morte, dever-se-lhe-á procurar a origem em um fenómeno de percepção telestésica da afecção orgânica que ameaçava, em breve prazo, a vida do pai de M. N.

Enfim, para o que se liga aos outros incidentes que se verificaram, assim como, por exemplo, a descrição do aspecto pessoal de um dos executores testamentários, a revelação do conteúdo do testamento paterno e a proposição feita em favor de M. N., bastará recorrer à simples hipótese da percepção ou leitura do pensamento a distância.

Pode-se ver que todos os episódios, mesmo os de caráter mais sensacional, são mais ou menos suscetíveis de serem explicados pela hipótese telepática, considerada em suas diferentes modalidades de manifestação.

De forma geral, o fato bem merece meditado, antes de nos aventurarmos em novas conjecturas. Não é menos verdade, entretanto, que, se viemos a esse resultado, não foi sem conferir à hipótese em questão poderes de tal maneira extensos e maravilhosos, que somos conduzidos por outro caminho – o da subconsciência – ao sólio desse transcendental, que queríamos evitar a todo preço.

Quinta categoria

Casos nos quais os familiares do moribundo são os únicos a perceberem os fantasmas de defuntos.

Os casos desta natureza são os mais raros e é natural que assim aconteça, porque, na ordem das probabilidades, deveríamos atender a que, na maior parte dessas manifestações, o moribundo é o único percipiente e que as aparições percebidas coletivamente pelos moribundos e pelos assistentes são relativamente raras e mais raras ainda as percebidas pelos assistentes somente.

No caso da interpretação teórica dos fatos e no ponto de vista absolutamente científico, são eles ainda suscetíveis de serem explicados pela hipótese telepática, supondo-se um fenômeno de transmissão de pensamento da parte do moribundo – salvo circunstâncias especiais.

Caso 46 – Neste primeiro episódio, o assistente tem a percepção de um fantasma rudimentar, provavelmente em vias de formação. Eu o extraio do *Journal of the S. P. R.* (1908, pág. 312). A narradora e percipiente é irmã de um membro da referida sociedade. Ela escreve:

“A 1º de novembro de 1905, achava-me de serviço, na qualidade de enfermeira, e tive uma prova interessante.

Eu assistia uma certa Sra. S..., doente de câncer, aleitada havia 6 meses no hospital, e em agonia nessa manhã. Ela estava em coma cerca já de 5 horas e o ritmo da respiração se tinha reduzido a 3 aspirações por minuto.

Fiquei só, assistindo-a, com a atribuição de vigiar qualquer alteração em suas condições e protegê-la das moscas. Lia um artigo de revista, sentada perto de sua cama, e de quando em quando olhava para ela.

Ao meio-dia e 5 minutos (não havia relógio no quarto), quando levantei os olhos para a agonizante, vi do outro lado do leito uma figura humana; digo figura humana, porque, pela forma, era indubitavelmente como se o fosse, embora

se não lhe distinguíssem os traços e parecesse, em seu conjunto, constituída de neve ou vapor condensado, com extremidades incertas e confusas. Sua altura era quase a minha (5 pés e 7 polegadas).

Havia uma janela de cada lado da cama e se encontrava por trás da forma um pára-vento de madeira coberto de tela.

Notei que as juntas do pára-vento eram visíveis através do corpo vaporoso do fantasma.

Não experimentei nenhuma sensação de terror, embora não me sentisse com disposições de interrogar a aparição.

Depus a revista que lia, ficando completamente absorvida na contemplação do fantasma, por um lapso de tempo que avalio em 10 ou 15 minutos. Depois, apareceu na sala outra enfermeira e a figura começou a atenuar-se, a dissolver-se, até que desapareceu.

Tateei as pulsações da moribunda no pescoço e verifiquei que eram percebidas ainda, se bem que tivesse cessado de respirar.

Quando a forma estava presente, a agonizante ainda respirava.”

Nada de notável neste episódio; entretanto, no ponto de vista da hipótese telepática, esta questão se apresenta espontaneamente ao espírito: desde que a enferma se achava em coma havia 5 horas, de modo definido e profundo, é razoável ainda atribuir a origem da aparição ao pensamento da mesma?

Francamente, creio mais perto da verdade os que respondem negativamente à questão.

Caso 47 – Extraio-o do livro bem conhecido de Camille Flammarion, *L'inconnu*.

A Sra. B. de L. de Lacapelle escreve a Flammarion:

“Eu tinha uma filha de 15 anos, que era minha alegria e meu orgulho. Durante uma curta viagem deixei-a em companhia de minha mãe. Devia estar de volta a 17 de maio e na noite de 17 sonhava que minha filha estava gravemente

enferma, que me chamava e me invocava chorando. Acordei muito agitada, repetindo a mim mesmo a frase proverbial que “todo sonho é mentira”.

De dia, recebi uma carta de minha filha, em que ela me dava explicações sobre negócios domésticos sem se queixar de nada.

No dia seguinte, chegando a casa, não vi minha filha vir a meu encontro; a mulher do quarto avisou-me que tinha ela sido tomada por indisposição súbita. Subi ao seu quarto e a encontrei com forte dor de cabeça. Fi-la deitar-se em seguida. Ah! ela não mais se levantou. Dois dias depois declarou-se uma angina membranosa e, apesar dos cuidados prodigalizados, expirou a 29 de maio.

Ora, duas noites antes da catástrofe, eu me tinha deitado em um leito, separado por uma porta, do quarto de minha filha. Fechara os olhos, mas não dormia; minha filha adormecera e a enfermeira velava. Repentinamente, uma viva luz, comparável ao Sol do meio-dia no mês de agosto, iluminou o quarto; chamei logo a enfermeira, que custou a responder.

Fui para junto da cama de minha filha, mas a luz se tinha extinguido. A enfermeira parecia aterrada e não me respondia às perguntas.

No dia seguinte ela contou aos íntimos e continua a repetir a cada um que vira meu marido, morto seis meses antes, ao pé da cama de minha filha.

Essa enfermeira está ainda viva e pronta a repetir a narrativa a quem quiser ouvi-la.”

Neste caso, durante a manifestação supranormal, a menina doente estava adormecida; é, pois, provável que ela tenha percebido também a aparição em forma de sonho.

Caso 48 – Extraio-o do *Journal of the American S. P. R.* (1918, pág. 608). S. M. Bennet comunica ao professor Hyslop o fato seguinte:

“Um dos mais antigos habitantes do quarteirão de Wert Pittston era uma senhora, ruiva e mãe de duas filhas, das quais uma era viva e casada com o Sr. Merrimon, tendo a outra morrido de febre tífica em 1876.

Durante a última doença de sua mãe, a Sra. Merrimon esteve quase sempre à sua cabeceira. Havia aí, também, seu filho e uma enfermeira de meia-idade, mulher prática e séria.

Uma noite, a Sra. Merrimon deitou-se por instantes no quarto vizinho, por trás de uma cortina, enquanto a enfermeira se sentara no quarto da moribunda, de modo a perceber-lhe a cama, apesar da luz muito fraca.

Em dado momento, viu ela uma mulher, em pé, perto do leito, olhando intensamente a doente e isso durante algum tempo. A enfermeira, supondo que era a Sra. Merrimon, não se levantou. Mas, pouco depois, viu a forma dissolver-se; e como o seu talhe e corpulência não correspondiam à forte estatura da Sra. Merrimon, a assistente foi ver ao quarto vizinho e aí encontrou essa senhora, que dormia tranquilamente.

A enfermeira deu, em seguida, boa descrição da forma percebida, descrição que correspondia exatamente à da defunta Stela.”

Caso 49 – Extraio-o da *Light* (1916, pág. 301). Sir George Kelrewitch, eminente professor de literatura clássica greco-latina, apresenta, no correr de uma entrevista, seu modo de pensar sobre a existência e a sobrevivência da alma, isto é, o de um pesquisador sem idéias preconcebidas, que espera saber primeiro, antes de chegar a conclusões definitivas. Declara, ao mesmo tempo, que o tema o interessa de modo particular e isso em consequência a certas experiências extraordinárias de que ele e seus amigos foram objeto.

Relata algumas dessas provas, a primeira das quais se realizou no leito de morte de sua mãe. Eis-lhe a descrição:

“Minha irmã, que se achava no quarto, no momento de sua morte, veio a mim, dizendo:

– Na ocasião em que nossa mãe exalava o último suspiro, vi flutuar acima dela um fantasma de cabelos vermelhos; isso é tanto mais inexplicável quanto minha mãe tinha aversão às pessoas com cabelos dessa cor.

– É verdade – respondi – que nossa mãe tinha aversão pelas pessoas de cabelos vermelhos, mas devo dizer-te que sua irmã mais moça, a quem ela muito queria, os possuía assim. Morreu jovem, com imenso desgosto de nossa mãe; de sorte que, se há no Além pessoa a quem ela desejasse ardentemente unir-se é a essa irmã.

Em minha opinião, a conclusão a tirar desse fato é que a irmã morta veio recebê-la para a guiar no *outro lado*.”

Como se vê, o Prof. Kelrewitch é também irresistivelmente conduzido a tirar dos fatos essas conclusões racionais e espontâneas, às quais chegam todos, desde que não tenham as vias cerebrais obstruídas por longa familiaridade com as variedades multiformes da hipótese telepático-alucinatória, de que tanto se abusa hoje.

Caso 50 – Este episódio é teoricamente importante, porque o moribundo e o percipiente são ambos crianças de muito pouca idade.

O Reverendo William Stainton Moses conta, na *Light* (7 de abril de 1888), o caso seguinte, acontecido à filha de outro ministro da Igreja Anglicana e narrado verbalmente por este a Stainton Moses:

“A Senhorita H... assistia uma criança moribunda, na paróquia paterna. No quarto existiam duas camas, das quais uma era o berço onde dormia uma criança de 3 ou 4 anos, irmãozinho do outro doente, que estava mergulhado em sono desde algumas horas.

A Senhorita H..., com a mãe das crianças, estava ao lado da cama onde jazia o pequeno moribundo, já tomado de espasmos da agonia. De repente, frágil voz alteou-se do berço e as duas mulheres, voltando-se, viram o menino de 3 anos assentado, completamente acordado e com o rosto impreg-

nado de alegria extática; apontava com o dedo para certo lugar do quarto e exclamou:

– Ó mamãe, que belas senhoras ao redor do irmãozinho! Bonitas senhoras! Mamãe, mamãe, elas querem tomar o irmãozinho!

Quando as duas mulheres voltaram o olhar para o leito do pequeno enfermo, este não vivia mais.”

Moses acrescenta estes comentários:

“Em vista da crítica que prevalece contra os fenômenos mediúnicos, seria de grande importância recolher casos análogos, porque as crianças de 3 anos e as de mama não podem, certamente, ser consideradas como prestidigitadores e trapaceiros.”

Os comentários de Moses deveriam ser completados pela observação de que estas mesmas crianças não podem ser erigidas à categoria de telepatizadores de fantasmas. A esse propósito, é deplorável que o Rev. Moses tenha negligenciado referir a idade do pequeno moribundo; mas como ele fala em crianças de mama, é de acreditar que tal devia ser a condição do enfermozinho.

Caso 51 – Eis outro episódio em que o moribundo e o percipiente são crianças de tenra idade, e este segundo episódio é mais importante que o primeiro, porque aí se encontra indicada a idade da criança expirante (quatro meses); isso permite excluir de modo categórico toda forma de auto-sugestão no moribundo com a relativa transmissão telepática à menina percipiente; e a idade dessa última (3 anos) exclui, por seu turno, a possibilidade de que ela tenha podido auto-sugestionar-se a ponto de perceber fantasmas alucinatórios, porque seu pequeno cérebro não chegava, certamente, a conceber a possibilidade de aparições transcendentais na cama do irmãozinho moribundo.

Extraio-o da revista *Ultra* ((1909, pág. 91). O Sr. Pelúsi, Ordenador da Biblioteca Real Victor Emmanuel, em Roma, escreve, com data de 12 de dezembro de 1908:

“Na casa situada em Roma, Rua Réggio nº 21, apartamento 1, habitado pela família Nasca, acha-se como sublo-

catário, G. Notári, casado e pai de família, que aí mora com sua mãe viúva.

O Sr. Notári, a 6 de dezembro último, perdeu um filho de 4 meses, às 10:45 da noite. Ao redor do leito do pequeno moribundo achavam-se o pai, a mãe, a avó, a dona da casa, Sra. Júlia Nasca, e a irmãzinha do doente, Hipólita, de 3 anos de idade, semiparalítica, a qual, assentada na cama do pequeno agonizante, olhava-o, cheia de pena.

Em dado momento, exatamente 15 minutos antes que a morte tivesse posto fim a essa tenra existência, a irmãzinha Hipólita estendeu os braços para um canto do quarto e exclamou:

– Mamãe, vê a tia Olga? – e se agitou para descer da cama e ir abraçá-la.

Os assistentes ficaram petrificados e perguntaram à menina:

– Mas onde? Onde está ela?

E a criança repetia? – Ei-la! Ei-la! – e quis a viva força descer, indo até uma cadeira vazia; mas, lá chegando, ficou um tanto perplexa, porque a visão se tinha dirigido a outro ponto. E a criança foi para esse ponto, dizendo:

– Olha a tia Olga!

Depois, calou-se, logo que sobreveio o doloroso momento da morte do anjinho.

Essa tia Olga, irmã da mãe da menina, envenenara-se, havia um ano, por amor; e seu noivo, ausente, quando soube da morte de sua amada, depois de três meses de choros, suicidou-se. Na noite de seu suicídio, apareceu em sonho à irmã de Olga, isto é, à mãe da clarividentezinha, dizendo-lhe:

– Vês! Caso agora com a Olga.

Na manhã seguinte soube-se pelos jornais do suicídio.

Garanto a veracidade dos fatos, que me foram repetidos esta noite, em seus menores detalhes, pela família Nasca, meus amigos íntimos, e pela avó da menina clarividente.”

(Assinado: Pelúsi, Ordenador da Biblioteca V. E.)

Caso 52 – O publicista inglês muito conhecido, William Stead, diretor da *Review of Reviews*, em sua obra intitulada *Real Ghost Stories*, conta o seguinte episódio:

“Termino o capítulo pela exposição de uma das manifestações de fantasmas, a mais detalhada que se produziu nos tempos modernos. É também a única manifestação aqui contada que ilustra a crença consoladora de que os Espíritos das pessoas que nos são caras vêm receber-nos no leito de morte, para servir-nos de guias na existência espiritual.

Durante o verão de 1880, 14 oficiais do 5º Regimento de Lanceiros estavam sentados, conversando na sala de refeições do quartel de cavalaria, em Aldershot.

Eram cerca de 7 horas da noite e eles tinham vindo de marchar, quando viram entrar na sala uma senhora vestida com uma roupa de seda branca, tendo longo véu de casada sobre o rosto. Ela parou, por momentos, em frente à mesa, depois dirigiu-se para a cozinha, onde entrou.

Caminhava com passo rápido, mas os cinco oficiais, colocados à cabeceira da mesa, a viram todos.

Nenhum deles duvidou um só instante que fosse uma senhora de carne e osso, aparecida ali não se sabia por que acaso.

O Capitão Norton, Ajudante-de-campo, levantou-se de salto e, correndo à cozinha, perguntou ao sargento onde estava a senhora que tinha entrado naquele momento.

– Ninguém entrou na cozinha – respondeu o sargento, asserção que o cozinheiro e ajudantes foram unânimes em apoiar.

Quando o Capitão Norton contou a seus colegas a assombrosa narrativa, travou-se entre todos animada discussão e acabaram por concluir que se devia tratar de um fantasma. Discutiram também acerca dos trajes da aparição; os que a viram foram acordes em afirmar que ela era bela, morena, exprimindo-se-lhe no rosto grande tristeza.

O Coronel Vandeleur, que não a tinha visto, ouvindo a descrição dos traços do fantasma, observou:

– Mas é a mulher do veterinário X., morta na Índia.

O oficial que ele nomeava estava nessa ocasião, ou pelo menos assim o supunham, em licença, por motivo de moléstia.

Em todo o caso, mesmo que o fantasma aparecido tivesse sido o de sua mulher, não se sabia por que razão se tinha manifestado na sala de refeições, por essa forma estranha.

Veio ter-se notícia, entretanto, que o referido oficial veterinário havia voltado da licença na tarde do mesmo dia, sem que seus colegas o soubessem, posto que tivesse ainda à sua disposição muitos dias de folga.

Também se soube que ele subira a seu quarto, situado acima da cozinha, e tocara a campainha para chamar a ordenança, acusando mal-estar e pedindo que lhe trouxessem aguardente com soda.

Na manhã seguinte, por volta de 8:30, a ordenança subiu ao quarto do oficial e o encontrou morto na cama.

O Capitão Norton, na qualidade de Ajudante-de-campo, entrou no quarto para proceder ao inventário dos bens deixados pelo defunto e apor os selos. E o primeiro objeto que lhe caiu sob as vistas foi a fotografia da senhora, que ele tinha visto na tarde precedente e com as mesmas vestes.

Eis os nomes dos oficiais que perceberam a aparição: Capitão Norton, Ajudante-de-campo. Capitão Aubrey Fife, do Clube Militar e Naval; Capitão Benion, do mesmo clube; o médico do Regimento (nome esquecido); o Lugar-Tenente Jack Russel, redator do *Sporting Times*, sob o pseudônimo de Brer Babbit.”

O lado particularmente importante deste episódio é o do fantasma desconhecido aos percipientes e em seguida identificado por uma fotografia, lado que daria, em aparência, ao fato o valor de autêntica identificação espírita. E nada impede que o seja, com efeito.

Não se pode negar, entretanto, que do ponto de vista científico, a hipótese telepática estaria ainda em condições de explicar o fenômeno. Com efeito, se se levar em conta que, no andar superior e precisamente acima da cozinha onde entrara a aparição, achava-se o marido da defunta que os oficiais viram, é permitido supor que essa aparição pudesse ser uma alucinação telepática, causada por seu pensamento, e nesse momento elevado à morta querida.

Isso posto, é preciso notar, para a correção científica na exposição das hipóteses, que o acontecimento se realizou na iminência da morte do marido da defunta, de sorte que este acontecimento tomaria um caráter de preanúncio de morte iminente e visita de falecido no leito mortuário, duas circunstâncias muito impressivas e que não podemos deixar de ter em consideração. Se a aparição se tivesse produzido na proximidade do marido da defunta, mas sem a circunstância da morte deste último, a explicação puramente telepática do acontecimento seria mais verossímil; e se não propendo para ela, mesmo nestas circunstâncias, é por causa das razões seguintes (admissíveis para toda classe de manifestações das de que nos ocupamos): em 1º lugar, porque as alucinações telepáticas entre vivos se realizam geralmente entre pessoas efetivamente ligadas entre si, condição essencial para que a relação psíquica entre o agente e o percipiente possa estabelecer-se e esse laço efetivo falta no episódio exposto; em 2º lugar, porque – salvo raras exceções que não infirmam a regra –, nas manifestações telepáticas entre vivos o agente transmite ao percipiente o fantasma alucinatório de si mesmo e não o de terceiras pessoas, nas quais pense por acaso; isto é, se se tratasse de telepatia, os camaradas do moribundo deveriam ter percebido o fantasma deste último e não o de sua defunta mulher.

Tendo em conta, por conseguinte, essas circunstâncias que contradizem a explicação telepática do acontecimento, a espírita adquire grandes probabilidades de ser a explicação verdadeira e autêntica.

Caso 53 – Extraio-o dos *Proceedings of the S. P. R.* (vol. VI, pág. 293). Foi comunicado a essa sociedade por Miss Walker, prima da protagonista. Escreve ela:

“Meus pais tiveram muitos filhos, a maior parte dos quais morreram na infância.

Sobreviveram Susana, Carlota e eu.

Por causa dessas numerosas lacunas, Susana tinha mais que eu 20 anos de idade.

Meu pai era proprietário dum domínio inalienável, o que fez com que a morte desses dois rapazes, William e John – o primeiro morto na adolescência e o outro na infância – tivesse sido a maior desgraça de sua vida.

Susana lembrava-se dos dois rapazes; William nascera e morrera muito antes de meu nascimento; John finara-se com a idade de 2 anos, mal tinha eu nascido. Não existia retrato de William; tu conheces o retrato de John.

Trata-se desse quadro a óleo, no qual está representada uma criança em tamanho natural, vacilante sobre seus pezinhos, vestida de branco, com sapatinhos azuis, ao lado da qual se vê um galgo deitado e diante dele uma laranja que lhe rola aos pés.

Eu tinha atingido a idade de 20 anos; Susana estava com 40 e Carlota com 30. A saúde de nosso pai declinava rapidamente.

Vivíamos, então, unidos em deliciosa e pequena casa, nos limites da comuna de Harrogate.

No dia a que me refiro, Carlota sentira-se mal; havia sido tomada repentinamente de arrepios e o doutor lhe tinha aconselhado que se deitasse.

À tarde dormia ela tranqüilamente. Susana e eu estávamos assentadas ao lado da cama. O Sol já se tinha posto e começava a sombrear, embora não estivéssemos ainda em profunda obscuridade. Ignoro desde quando estávamos assim assentadas; na ocasião em que levantei a cabeça percebi uma luminosidade dourada sobre o travesseiro de Carlota;

nessa luminosidade apareceram dois pequenos rostos de querubins que encaravam fixamente a doente. Fiquei algum tempo a olhar, como extasiada, e a visão não desaparecia. Enfim, estendendo a mão à Susana, por cima da cama, disse simplesmente:

– Susana, olha um pouco para o alto.

Ela olhou e exclamou com expressão de grande espanto:

– Oh! Emelina, são William e John!

Continuamos a olhar essa visão, como se fôramos fascinados, até que tudo desapareceu como um quadro que se dissolvesse.

Algumas horas mais tarde Carlota era atacada de repente no acesso inflamatório e expirava poucos minutos depois.”
(*Proceedings of the S. P. R.*, vol. VI, págs. 293-294.)

O caso que acabamos de ler é contado por Podmore, o qual nota que, para explicar a visão, não é necessário supor a presença espiritual dos dois irmãozinhos mortos, visto como é possível supor, com mais probabilidade, que a aparição fosse o reflexo do pensamento da doente.

À falta de atestados opostos e precisos, não nos restaria mais que aceitar a explicação proposta por Podmore, se na narrativa acima não se encontrasse uma circunstância que poderia ter o valor de demonstração indireta do contrário. Esta circunstância é contida no parágrafo em que se diz que Susana se lembrava das duas crianças; que Emelina (a que conta o fato) não se lembrava nem de uma nem de outra e que não existia retrato da primeira.

Ora, se bem refletirmos, tudo isso significa que a outra irmã, Carlota – de menos dez anos de idade que Susana – devia lembrar-se somente do irmão mais moço, John, sem o que a autora da narrativa não teria deixado de escrever que as *duas irmãs* – e não unicamente Susana – se lembravam dos dois rapazes. Como não o fez, é evidente que Carlota não se encontrava na situação de sua irmã mais velha, Susana. E nem mesmo da mais nova, que não se lembrava de nenhum dos irmãozinhos; a dedução que acabo de tirar parece, pois, inevitável.

É claro, portanto, que a visão percebida por Emelina não podia ser o reflexo do pensamento da irmã moribunda, visto como esta última ignorava os traços do mais velho dos irmãos aparecidos; a explicação espírita deste episódio torna-se, por consequência, impossível de evitar.

Caso 54 – Conto, enfim, um caso rigorosamente verificado e muito interessante, posto que não se saiba a que hipótese nos socorrermos para explicar os fantasmas manifestados ao percipiente e que revestem provavelmente um caráter simbólico.

Extraio o caso do *Journal of the S. P. R.* (1908, págs. 308-311).

O Dr. O. Burges envia ao Dr. Hodgson o episódio seguinte, que se passou em presença do Dr. Renz, especialista em moléstias nervosas.

M. G., protagonista do episódio, escreve:

“O que se desenrolou diante de mim, durante as cinco últimas horas de vida de minha pobre mulher, converteu-se, a meus olhos, na questão seguinte, muito debatida e que não chegarei nunca a resolver, isto é, se eu estava mentalmente alucinado ou se, ao contrário, foi-me concedido o dom da clarividência.

Antes de descrever os acontecimentos e no interesse daqueles que lerem estas páginas, tenho a declarar que não faço uso de bebidas alcoólicas, nem de cocaína, nem de morfina; que sou e fui sempre moderado em tudo, que não posuo um temperamento nervoso; que minha mentalidade nada tem de imaginativa e que sempre fui considerado como homem ponderado, calmo e resoluto.

Acrescento que, não somente nunca acreditei no que se chama *Espiritismo*, com os fenômenos relativos de materializações mediúnicas e do corpo astral visível, como fui sempre hostil a essas teorias.

Minha mulher morreu às 11:45 da noite de sexta-feira, 23 de maio de 1902; e só às 4 horas da tarde desse mesmo dia foi que me persuadi que estava perdida toda a esperança.

Reunidos em torno do leito, na expectativa da hora fatal, estávamos muitos amigos, o médico e duas enfermeiras.

Eu permanecia sentado à cabeceira da moribunda, apertando nas minhas a sua mão direita.

Os amigos ficaram espalhados pelo quarto, uns sentados, outros em pé. Ninguém falava; atentavam todos na respiração da doente, que se tornava cada vez mais fraca.

Assim se passaram duas horas, sem que se observasse nenhuma alteração.

Os criados anunciavam que o jantar estava à mesa, mas ninguém parecia disposto a ir servir-se.

Às 6:30 pedi com insistência aos amigos, ao médico e às enfermeiras que fossem jantar, sem demora, porque a espera podia prolongar-se ainda.

Todos, menos duas pessoas, seguiram meu conselho.

Quinze minutos mais tarde, isto é, às 6:45 (estou certo da hora porque havia um relógio colocado diante de mim, sobre um móvel), aconteceu-me voltar o olhar para a porta de entrada e percebi sobre o sólio, suspenso no ar, três pequenas nuvens muito distintas, dispostas horizontalmente, parecendo cada uma do comprimento de cerca de 4 pés, com 6 a 8 polegadas de volume. A mais próxima do solo estava dele separada por dois pés, mais ou menos; as outras seguiam com intervalos de cerca de 6 polegadas.

Meu primeiro pensamento foi que os amigos (e lhes peço perdão por esse injustificado juízo) se tinham posto a fumar, além da porta, de maneira que o fumo dos seus charutos penetrasse no quarto. Levantei-me de salto para ir reprochá-los e notei que nas proximidades da porta, no corredor e no quarto não havia ninguém.

Espantado, voltei-me para olhar as nuvenzinhas que, lentamente, mas positivamente, se aproximavam da cama, até que a envolveram por completo.

Olhando, através dessa nebulosa, percebi que ao lado da moribunda se conservava uma figura de mulher, de mais de

três pés de altura, transparente, mas ao mesmo tempo resplandecente de uma luz de reflexos dourados; seu aspecto era tão glorioso, que não há palavras capazes de descrevê-lo. Ela vestia um costume grego de mangas grandes, largas, abertas; tinha uma coroa à cabeça.

Essa forma mantinha-se imóvel como uma estátua no esplendor de sua beleza; estendia as mãos sobre a cabeça de minha mulher, na atitude de quem recebe um hóspede alegremente, mas com serenidade.

Duas formas vestidas de branco se detinham, de joelhos, ao lado da cama, velando ternamente minha mulher, enquanto que outras formas, mais ou menos distintas, flutuavam em torno.

Acima de minha mulher estava suspensa, em posição horizontal, uma forma branca e nua, ligada ao corpo da moribunda por um cordão que se lhe prendia acima do olho esquerdo, como se fosse o *corpo astral*. Em certos momentos, a forma suspensa ficava completamente imóvel; depois, contraía-se e diminuía até reduzir-se a proporções minúsculas, não superiores a 18 polegadas de comprimento, mas conservando sempre sua forma exata de mulher; a cabeça era perfeita, perfeitos o corpo, os braços, as pernas.

Quando o *corpo astral* se contraía e diminuía, entrava em luta violenta, com agitação e movimento dos membros, com o fim evidente de se desprender e libertar do corpo físico. E a luta persistia até que ele parecia cansar; sobrevinha, então, um período de calma; depois o corpo astral começava a aumentar, mas para diminuir de novo e recomeçar a luta.

Durante as cinco últimas horas de vida de minha mulher, assisti, sem interrupção, a essa visão pasmosa, que outros definirão como puderem.

Não havia meio de fazê-la apagar-se de meus olhos; se me distraía conversando com os amigos, se fechava as pálpebras, se me achava de outro lado, quando voltava a olhar o leito mortuário, revia inteiramente a mesma visão.

No correr das cinco horas experimentei estranha sensação de opressão na cabeça e nos membros; sentia minhas pálpebras pesadas como quando se está tomado pelo sono, e as sensações experimentadas, unidas ao fato da persistência da visão, faziam-me temer por meu equilíbrio mental, e então dizia ao médico muitas vezes: – “Doutor, eu enlouqueço.”

Enfim, chegou a hora fatal; depois de um último espasmo, a agonizante deixou de respirar e vi, ao mesmo tempo, a forma astral redobrar de esforços para libertar-se.

Aparentemente, minha mulher parecia morta, mas começava a respirar alguns minutos depois, e assim aconteceu por duas ou três vezes. Depois, tudo acabou. Com o último suspiro e o último espasmo, o cordão que a ligava ao corpo astral quebrou-se e eu vi esse corpo apagar-se.

Também as outras formas espirituais, assim como a nebulosidade de que fora invadido o quarto, desapareceram subitamente; e, o que é estranho, a própria opressão que eu sentia sumiu-se como por encanto e permaneci de novo como fui sempre, calmo, ponderado, resoluto; dessa forma fiquei em condições de distribuir ordens e dirigir os tristes preparativos exigidos pelas circunstâncias.

Deixo aos leitores a liberdade de julgarem se realmente eu me encontrava tomado de acesso alucinatório determinado pela ansiedade, sofrimento ou fadiga, ou se, por acaso, se me tinha dado perceber uma parcela da existência espiritual, com sua paz, sua felicidade, sua beleza.”

O Dr. Renz, testemunha dos fatos, escreve longa carta de confirmação, da qual tiro este trecho:

“Desde que a doente se extinguiu. M. G., que durante cinco horas havia ficado à sua cabeceira, sem dali sair, levantou-se e deu as ordens que as circunstâncias requeriam, com expressão tão calma, de homem de negócios, que os assistentes ficaram surpresos. Se ele tivesse sido submetido, durante cinco horas, a um acesso de alucinação, o espírito não se lhe teria tornado claro e normal de um momento para outro.

Dezessete dias já se passaram depois da visão e da morte de sua mulher; M. G. continua a mostrar-se perfeitamente são e normal de corpo e de espírito.” (Assinado: Dr. C. Renz.)

Este caso é tão interessante como embaraçoso. Com efeito, encontra-se na descrição do *corpo astral*, suspenso sobre a moribunda, detalhes impossíveis de explicar pela hipótese alucinatória, porque concordam com descrições do mesmo gênero, dadas por percipientes, ignorando uns as dos outros; ao mesmo tempo, são bastante curiosos para que possam ser explicados pela hipótese das circunstâncias fortuitas. Tal é o incidente das alternativas de crescimento e diminuição experimentadas pelo *corpo astral*, antes de exteriorizar-se definitivamente, e isso segundo o fluxo e refluxo da vitalidade da moribunda.

Foi citado precedentemente (Caso 35) a descrição de um caso análogo observado no leito de morte de uma criança; e, em minha obra sobre os *Fenômenos de Bilocação* (*Annales des Sciences Psychiques*, março e abril de 1911), lembrei um caso análogo do qual o Rev. Stainton Moses era o percipiente.

Repito, pois, que como cada um dos percipientes apontados ignorava a experiência dos outros, e como essas concordâncias não podem ser atribuídas a coincidências fortuitas, somos conduzidos a admitir que eles testemunharam a objetividade dos fenômenos percebidos.

Segue-se que, nos casos de que nos ocupamos, a visão do desdobramento fluídico da agonizante deveria ser considerada como objetiva.

Isso admitido, como explicar a aparição de uma forma feminina vestida de costume grego, com uma coroa na cabeça?

Esse conjunto de detalhes nos faz supor que a forma tinha um caráter simbólico; neste caso, em que consistia ele?

Seria uma criação alucinatória da mentalidade do percipiente ou uma projeção telepático-simbólica, tendo por origem a mentalidade de uma entidade espiritual?

Na casuística metapsíquica encontra-se certo número dessas projeções telepático-simbólicas, tendo provavelmente uma origem transcendental, e isso, especialmente, no grupo das premonições, de sorte que o exemplo narrado entraria em uma ordem de fatos conhecidos.

Como quer que seja, é inoportuno estendermo-nos no estudo de um episódio que, por enquanto, parece inexplicável.

Mais vale concluir, admitindo que houve neste caso promiscuidade de manifestações, em parte realmente supranormais e em parte alucinatórias.

Sexta categoria

Exemplos de aparições de defunto produzidas pouco depois de um caso de morte e percebidas na mesma casa em que jaz o cadáver.

Todos podem aperceber-se da grande importância teórica dos casos de que nos vamos ocupar. Se chegássemos a recolher-lhes um número suficiente, representariam preciosa contribuição em favor da tese espiritualista. Essa possibilidade está, entretanto, ainda bem longe; os fatos em questão são dos mais raros; isso não pode espantar, dadas as condições excepcionais que são necessárias para que eles se possam produzir.

Caso 55 – O caso seguinte, que tiro do vol. V, pág, 422, dos *Proceedings of the S. P. R.*, é também o único que conheço.

“Agosto, 1886. No sábado, 24 de outubro de 1868, despedimo-nos de nossos amigos (os Marqueses de Lys) – com os quais permanecêramos em Malvern Well –, para irmos a Cheltenham, residência de um cunhado de meu marido, Georges Copeland.

Desde algum tempo já este estava doente, em consequência de um ataque de paralisia, que o havia reduzido à imobilidade, ficando, no entanto, perfeitamente sãs suas faculdades mentais.

Esta última circunstância fazia que seus amigos ficassem perto do doente, a fim de adoçar-lhe a desventura, tanto quanto possível.

Aproveitando a pouca distância que nos separava, resolvemos, por nossa vez, fazer outro tanto. Fomos, porém, informados de que o doente já tinha outras pessoas em sua casa; decidimos, então, ir para Cheltenham, sem o prevenir, a fim de alugar um apartamento, antes que ele no-lo impedisse de fazer, por um convite.

Tomamos vários quartos situados na vizinhança da habitação de Copeland.

Feito isso, estávamos prontos para nos ausentar do hotel, quando muitos frascos de remédios, dispostos em uma mesa, atraíram o nosso olhar. Perguntamos se havia doentes na casa e nos informaram que certa Sra. R..., hóspede no hotel com sua filha, estava doente desde algum tempo; era coisa de pouca importância e não havia perigo. Depois dessa ocasião não pensamos mais no assunto.

Logo após fomos à casa de Copeland e, no correr da tarde, veio a pronunciar-se o nome dos nossos vizinhos de hotel. Copeland disse, então, que conhecia a Sra. R...; explicou que ela era viúva de um doutor, ex-clínico em Cheltenham, e que uma de suas filhas se casara com um professor de colégio, um certo Sr. V... Lembrei-me então de ter conhecido a Sra. V... por ocasião de uma recepção em casa do Dr. Barry, e ter nela feito reparo por causa de sua grande beleza, enquanto ela conversava com a dona da casa. Era tudo o que eu sabia a respeito dessas senhoras.

Na manhã de domingo, à hora do almoço, observei que meu marido parecia preocupado. Terminado que foi o repasto, perguntou-me ele:

– Ouviste arrastar uma cadeira, há pouco? A velha que mora embaixo morreu na própria cadeira, esta noite; arrastaram esse móvel, trouxeram-na para o quarto.

Fiquei muito impressionada; era a primeira vez que me encontrava nas proximidades de um cadáver; desejei, pois, mudar sem demora, de apartamento. Muitos de nossos amigos, sabendo do fato, nos tinham gentilmente oferecido hospitalidade; mas meu marido se opusera, lembrando que uma mudança é sempre um aborrecimento, que meus terrores eram tolos, que ele não achava nenhum prazer em deslocar-se num dia de domingo, que não era generoso partir porque uma pessoa havia morrido e que, enfim, se assim procedessem para conosco, não nos deixaríamos de aborrecer.

Em suma, tivemos que ficar.

Passei o dia em companhia do cunhado e das sobrinhas e só voltamos ao hotel à hora de ir para a cama.

Depois de haver adormecido, acordei de repente, como de hábito, alta noite, sem causa aparente e vi distintamente, ao pé da cama, um velho fidalgo, de rosto gordo, rosado e sorridente, com um chapéu na mão.

Estava vestido com um casaco azul-celeste, de talhe antigo, guarnecido de botões de metal; tinha um colete claro e calças da mesma cor.

Quanto mais o encarava, melhor lhe discernia os menores detalhes do rosto e das vestes.

Não me senti muito impressionada; depois de algum tempo ensaiei fechar os olhos durante um ou dois minutos; quando os reabri, o velho fidalgo tinha desaparecido.

Dormi algum tempo depois. Vindo a manhã, propus-me nada dizer a ninguém do que me tinha acontecido, até que tivesse visto uma de minhas sobrinhas, à qual queria expor o fato, a fim de saber se, por acaso, não haveria nenhuma semelhança entre o Dr. R... e o fidalgo da minha visão. Apesar de me parecer absurda essa idéia, queria certificarme.

Encontrei minha sobrinha, Maria Copeland (hoje Senhora Brandling), de volta da igreja, e logo lhe perguntei:

– O Dr. R... não tinha o aspecto de velho fidalgo, de rosto cheio, rosado e sorridente, etc., etc.?...

Ela estremeceu de espanto.

– Quem to disse? – perguntou – Nós dizíamos, de fato, que ele se assemelhava mais a um bom feitor de fazenda do que a um doutor. Como é estranho que um homem de aspecto tão vulgar tivesse por filha tão bela criatura!

Tal é a narrativa rigorosamente exata do que me aconteceu. Minhas duas sobrinhas estão ainda vivas e devem lembrar-se exatamente de tudo isso. Naturalmente, não estou em condições de explicar o fato. O corpo da velha senhora jazia no quarto que ficava imediatamente abaixo do nosso.

O que me surpreende, sobretudo, é que eu tivesse ficado tão pouco impressionada e que pudesse dormir alguns instantes depois, sem incomodar ninguém.” (Assinado: D. Bacchus.)

O marido da Sra. Bacchus confirma o acontecimento:

“Leamington, 27 de setembro de 1886.

Li a narração de minha mulher a respeito do que sucedeu em Cheltenham, quando nós aí estivemos em 1868. Ela responde exatamente ao que minha mulher contou de viva voz, na manhã que se seguiu ao fato do qual perfeitamente me recordo. Também me lembro que nessa manhã mesma ela contou todos os detalhes do acontecimento à sua sobrinha.” (Assinado: Henry Bacchus.)

Para mais amplos detalhes e outros testemunhos, envio o leitor aos *Proceedings*, no lugar citado.

No fato que precede, o detalhe mais importante, sob o ponto de vista teórico, é o da declaração da percipiente de não ter nunca conhecido e não haver tido nunca idéia do aspecto do defunto Dr. R... – o que levaria a admitir a realidade objetiva da aparição, afastando a hipótese de um fenômeno de auto-sugestão alucinatória provocado na Sra. Bacchus pelo pensamento desagradável de ter perto de si o cadáver da Senhora R...; salvo se se quiser encontrar a causa da visão num fenômeno de transmissão de pensamento, vindo da filha da Sra. R..., pensamento que podia estar voltado para a recordação do pai, ou bem a transmissão de uma imagem análoga percebida em sonho pela mesma pessoa – interpretação que não é preciso rejeitar, porque ela parece assaz gratuita.

Conclusões

Com isso, termino a presente classificação, na qual está apenas compreendida pequena parte dos fatos que tenho recolhido.

Que conclusão devemos tirar do conjunto desses fatos?

Como vimos, ative-me rigorosamente, em todo este estudo, às interpretações científicas da provável alucinação, combinada com a transmissão telepática do pensamento; e determinei-me a isso, considerando que, pela própria natureza dos fenômenos analisados, não era possível separá-los dos puramente alucinatórios ou telepático-alucinatórios.

Não me restava outro caminho a seguir, assinalando, é bem de ver, os episódios que pareciam provar a insuficiência das hipóteses apontadas e a necessidade de recorrer à espírita.

Esses episódios adquirem valor demonstrativo pela força de seus modos de manifestação: quer porque o doente se encontre, às vezes, em coma, o que exclui a possibilidade de que as visões dos assistentes sejam uma projeção do seu pensamento; quer porque o defunto manifestado é desconhecido do percipiente, sendo em seguida identificado por um retrato; quer porque o fantasma toma um caráter de manifestação premonitória, outra circunstância inexplicável pelas hipóteses alucinatória, sugestiva ou telepática; quer porque se obtêm, por vezes, confirmações indiretas em relação à veracidade das informações, sob a forma de prenúncios ou reconfirmações obtidas mediunicamente, o que conduz tais fenômenos para o caminho da experimentação científica; quer, enfim, porque o moribundo ou o percipiente e, por vezes, ambos, são crianças de pouca idade e, por consequência, incapazes de se auto-sugestionarem ou sugestionarem os outros a respeito de acontecimentos transcendentais, que seus pequeninos cérebros não podem compreender. E este último grupo de provas é o mais importante, porque exclui de maneira decisiva toda hipótese ou objeção contrária; de sorte que é preciso afirmar que alguns fatos bem observados, desta natureza, bastam a demolir irrevogavelmente a hipótese telepático-

alucinatória como explicação dos fenômenos em apreço – considerados em seu conjunto.

A essas inferências que decorrem diretamente dos fatos, é preciso acrescentar as considerações de ordem geral; se os fenômenos, por exemplo, tivessem por causa o pensamento do moribundo dirigido para aqueles que ama, o moribundo, em vez de ser exclusivamente sujeito a fenômenos alucinatórios, representando defuntos, deveria perceber mais freqüentemente formas alucinatórias representando pessoas vivas; ora, isto não se produz nunca. Da mesma maneira, pode-se dizer que, se na crise da morte se realizam fenômenos de visão alucinatória, é também certo que se produzem ainda fenômenos de telepatia, telestesia, lucidez, premonição, bilocação, etc.: todas as manifestações de ordem supranormal – o que torna muito improvável que as aparições de defuntos não sejam também supranormais.

A essas considerações não seria inútil aduzir mais esta: se a hipótese alucinatória aplicada aos casos de visão de fantasmas, em geral, parecia crível antes do advento das pesquisas metapsíquicas, o mesmo não se dá agora, se refletirmos no número sempre crescente de visões desta natureza, cuja origem verídica está demonstrada, começando pelos fantasmas telepáticos para passar aos de natureza premonitória e acabar pelas visões das casas assombradas, onde, muitas vezes, o mesmo fantasma, vestido de igual maneira, se manifesta a uma multidão de pessoas, ignorando uma a experiência dos outros, o que demonstra a objetividade *sui generis* desse fantasma e a impotência da hipótese alucinatória para explicá-la.

Essas considerações nos levam, pois, a concluir que a hipótese alucinatória, aplicada aos casos de aparições no leito de morte, perde todo direito à exclusividade, dando margem à explicação espírita para muitas dessas aparições.

E tudo isso não basta, porque, se analisarmos as modalidades de manifestação da telepatia – na qual se fundam todas as suposições da tese adversa – chegaremos à conclusão de que essas modalidades são contrárias à hipótese alucinatória aplicada aos fenômenos estudados.

Com efeito, comparando entre si os muitos milhares de casos telepáticos recolhidos, observamos que uma regra indiscutível os governa – regra a que já fizemos alusão, mas que agora precisamos discutir a fundo:

Salvo raras exceções, que não se podem levar em conta quando se estabelece uma regra, é sempre o fantasma do agente que se manifesta ao percipiente, enquanto que, nos casos de aparição de defuntos nos leitos de morte, a regra, também indiscutível, é diametralmente oposta. Com efeito, são sempre fantasmas de terceiras pessoas, defuntas, que se manifestam aos percipientes.

Vejam agora a que leva essa verificação. Começarei por notar que, duma extremidade a outra desta obra, concedi a meus oponentes a vantagem de pressupor que as transmissões telepáticas de fantasmas de pessoas, nas quais se pensa com intensidade de afeição, constituam a regra. Mas é útil, presentemente, observar que esta suposição não é absolutamente fundada; constitui, mesmo, um erro grosseiro, que não subsiste diante da prova dos fatos. Eles aí estão para mostrar que, quando uma pessoa pensa intensamente em outra, o que é provável que se realize é que a pessoa na qual se pensa percebe o fantasma telepático do agente e não que este transmita a um terceiro o fantasma da pessoa na qual pensou.

Entre as duas ordens de fatos há um abismo, com esta circunstância agravante, que somente a primeira é real; a outra é fantástica. E, no entanto, os defensores intransigentes da hipótese telepática pressupõem constantemente esta eventualidade, como se se tratasse de uma regra bem estabelecida.

Em apoio do que afirmo farei ainda notar que os tratados de patologia mental registram numerosos exemplos de alucinações coletivas – sobretudo nas crises de alucinações místicas – mas estas se realizam invariavelmente por meio da *sugestão verbal* e nunca por meio de transmissão telepática do pensamento.

Essa verificação é absolutamente sintomática e conforma admiravelmente as considerações que acabamos de expor.

Se me perguntassem agora como se pode produzir o fenómeno perturbador da transmissão telepática do próprio fantasma à

pessoa na qual se pensa, responderia que ninguém está em condições de explicá-lo atualmente.

A telepatia conserva-se, para todos, um mistério profundo; quanto mais é estudada menos é compreendida e a hipótese fisiopsíquica das “vibrações do pensamento viajando ao infinito em ondas concêntricas”, com a qual muitos se lisonjeiam de compreender em parte o fenômeno, está agora caída e abandonada pelas pessoas competentes, porque é literalmente inconciliável com os fatos.

Sobre este assunto só se pode assegurar o seguinte: que a telepatia é uma coisa *espiritual* e que, por consequência, se manifesta em uma ambiência espiritual (a que Myers chama *ambiência metaetérica*).

Resignemo-nos, pois, a estudar, durante muito tempo ainda, as manifestações metapsíquicas, acumulando os fatos, classificando-os, comparando-os, analisando-os, a fim de descobrir-lhes as relações e apreender as leis que os governam; faremos assim verdadeira obra de ciência.

Nesta obra sobre os fenômenos de “aparições de defuntos no leito de morte”, eu me votei à dura empresa e as inferências conclusivas a que cheguei podem ser resumidas nos seguintes termos:

Pelos processos de análise comparada entre os fenômenos telepáticos e as “visões dos moribundos”, parece demonstrado que, quando essas visões são percebidas unicamente pelos assistentes ou pelo moribundo e assistentes, é preciso excluir, em princípio, que o fato se produza em consequência de uma transmissão telepática do pensamento do agonizante. Segue-se, logicamente, que as visões unicamente percebidas pelo moribundo não podem ter uma origem diferente das outras e que, portanto – sempre como regra geral –, a mesma origem deve ser atribuída ao grupo inteiro de fenômenos.

Quanto à natureza desta origem, devemos julgá-la pelos casos de visões coletivas, em que a identidade do fantasma, não podendo ser explicada pela transmissão do pensamento alucinado do moribundo, reveste necessariamente o valor de prova.

É o que demonstram, também, os modos de manifestações dos fenômenos, muitas vezes inconciliáveis com a hipótese alucinatória. Em outros termos: pelo estudo científico das manifestações em análise, somos levados a concluir que as hipóteses alucinatória e telepático-alucinatória se mostram insuficientes para explicar o conjunto dos fatos e que, ao contrário, a hipótese espírita a eles se presta admiravelmente.

¹ *Gare* – Estação ferroviária; Dicionário Aurélio Eletrônico (Nota do revisor).